



Programa de
Capacitação
e Integração
de Lideranças
 Sociais

FILOSOFIA

HUMANAS II

Realização:



Patrocínio:

Integração
Metropolitana



APRESENTAÇÃO

As apostilas para pré-vestibulares populares, sociais e comunitários do **PECEP** (Projeto de Ensino Cultural e Educação Popular) foram produzidas no âmbito do **Programa de Capacitação e Integração de Lideranças Sociais**, projeto contemplado pelo edital Integra Rio, uma realização da Secretaria Especial de Integração Metropolitana (SEIM) e da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Essas apostilas representam uma conquista coletiva dos cursinhos e educadores populares de todo o país, afinal, representam uma ferramenta concreta para a democratização do acesso ao material didático. Elas foram pensadas com carinho e compromisso para dialogar com a realidade das centenas de iniciativas populares espalhadas pelo Brasil e, também com aqueles que pensam em iniciar a luta de fundar o seu próprio pré-vestibular.

Sabemos que cada cursinho tem suas particularidades e dinâmicas próprias. Alguns, inclusive, elaboram seu próprio material didático. As apostilas do PECEP não têm como objetivo substituir esses esforços, muito menos propor uma padronização da prática pedagógica popular. Ao contrário, elas foram pensadas para que cursinhos, coletivos, educadores e líderes comunitários possam mitigar certas falhas aos quais podem estar suscetíveis.

Por exemplo, um professor de português que deseje iniciar um pré-vestibular, mas ainda não professores de outras áreas, pode usar essas apostilas como ponto de partida para que os estudantes não fiquem sem material de estudo. Da mesma forma, um educador que esteja começando a lecionar biologia, também pode usar as apostilas como material de apoio.

Importante ressaltar que tais apostilas foram elaboradas por voluntários de um pré-vestibular que funciona, de forma ininterrupta, há 25 anos na cidade do Rio de Janeiro. Ou seja, trazem em suas páginas o olhar atento e sensibilidade de quem está na linha de frente da luta por transformação através da educação.

Essas apostilas não tem a pretensão de serem uma solução definitiva. Elas são um passo importante em um caminho longo, penosos, porém, infinitamente recompensante.

Por fim, importante ressaltar que esta é a versão 2025 das nossas apostilas. A proposta é que esse material siga sendo desenvolvido e aprimorado de forma contínua, afinal, o aprendizado sobre o ensino popular não tem fim.

Se você tiver sugestões, críticas, dúvidas ou ideias, entre em contato com a gente pelo e-mail: **contato@pecep.org** e acompanhe as nossas redes sociais: **@pecep.org**

Com muito carinho,

A Direção do PECEP

ÍNDICE

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA ? 4

CAPÍTULO I: FILOSOFIA ANTIGA 7

PRÉ-SOCRÁTICOS 7
 ESCOLA JÔNICA 8
 ESCOLA ITÁLICA 10
 MOBILISMO X IMOBILISMO 11
 ESCOLA ATOMISTA 12
 SÓCRATES E SOFISTAS 12
 PLATÃO (428 - 348 A.E.C) 14
 ARISTÓTELES (384 - 322 A.E.C) 23
 HELENISMO 26
 EXERCÍCIOS DE FILOSOFIA ANTIGA 29

CAPÍTULO II: FILOSOFIA MEDIEVAL 42

AGOSTINHO DE HIPONA (SANTO AGOSTINHO) (354 - 430 E.C) 43
 TOMÁS DE AQUINO (SÃO TOMÁS DE AQUINO) (1225 - 1274 E.C.) 45
 EXERCÍCIOS DE FILOSOFIA MEDIEVAL 48

CAPÍTULO III: FILOSOFIA MODERNA 54

MAQUIAVEL (1469 - 1527 E.C) 54
 DESCARTES (1596 - 1650 E.C) 58
 HUME (1711- 1776 E.C) 62
 KANT (1724 -1804 E.C) 65
 STUART MILL E O UTILITARISMO 67
 NIETZSCHE (1844 -1900 E.C) 68
 EXERCÍCIOS DE FILOSOFIA MODERNA 72

CAPÍTULO IV: FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA 78

ESCOLA DE FRANKFURT 78
 EXISTENCIALISMO 82
 KIERKEGAARD (1813 - 1855 E.C.) 82
 JEAN PAUL SARTRE (1905 E.C. - 1980 E.C.) 83
 MICHEL FOUCAULT (1926 -1984 E.C) 84
 HANNAH ARENDT (1906 - 1975 E.C) 87
 EXERCÍCIOS DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA 90

ENCERRAMENTO 97

BIBLIOGRAFIA 98

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

Para bem iniciar os nossos estudos em Filosofia, precisamos antes explicar exatamente o que você encontrará nesta apostila e o porquê desse conteúdo. Essa apostila foi dividida em uma determinada periodização da filosofia: Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea. Com Antiga se referindo ao período aproximado de 600 a.e.c até 30 a.e.c, na região da Grécia e no sul da atual Itália; o próximo é o período Medieval que vai, também aproximadamente, do século I e IV (anos 300) e.c até o século XV e.c (anos 1400), em um território muito amplo da Europa e do Norte da África; em seguida o período Moderno que se estende dos séculos XV e.c até o século XIX e.c (anos 1800), também na Europa; e por fim o período em que estamos, o Contemporâneo, que se inicia na virada do século dezenove para o vinte e, novamente, está centrado no eixo Europa e um pouco de Estados Unidos. Evidentemente, todas essas periodizações são arbitrárias e aproximadas, ou seja, são escolhas para simplificar, resumir e tentar contextualizar um determinado período histórico e, no nosso caso, as produções filosóficas de cada tempo.

Contudo, é extremamente importante conversarmos sobre essa linha do tempo e como ela foi criada. Essa divisão da filosofia nesses períodos e os locais que elas se passam tornaram-se canônicos e amplamente utilizados por educadores. Certamente, se você já teve contato com filosofia no colégio ou nos diversos vídeos de filosofia pelas redes sociais, a primeira imagem da filosofia é a da Grécia Antiga; Sócrates, Platão, e talvez Aristóteles, sejam nomes já conhecidos por você e a cultura grega também, como um pessoal de túnica que tem uma mitologia interessante (fãs de Percy Jackson que o digam), as pilastras gregas e aquelas estátuas de mármore branco. Porém, desejamos que você perceba o quanto essa linha do tempo da filosofia parece só contemplar a Europa. Assim, podemos fazer muitas perguntas e aqui apresentamos algumas delas: Quem estabeleceu essa linha do tempo e porquê fez assim? Quem decidiu que essa linha do tempo e os filósofos que estão nela são o cânone da filosofia? O que foi omitido na construção dessa história “oficial” da filosofia? Onde está a contribuição da Ásia e da África dentro dessa história da filosofia?

Para todas as respostas existe um denominador em comum: Racismo. Nos séculos XVIII e XIX desenvolveu-se uma gama de teorias que se transformaram em práticas “científicas” de taxonomia racial e posteriormente na Eugenia. Essas eram teorias que buscavam explicar a superioridade e inferioridade das raças e dos povos baseadas no critério da razão. Na perspectiva de grupos de intelectuais desse período no atual território da Alemanha, a história se inicia com a razão e com a escrita, e na visão deles nem todos os povos as desenvolveram. Dessa forma, construíram classificações das sociedades europeias, africanas e asiáticas, com as sociedades europeias acima dessas outras duas. Veja, essas ideias não criaram a realidade do racismo no

século XVIII e XIX, mas estavam sendo utilizadas para justificar algo que já era praticado: O Colonialismo. A escravização de povos na África, as Guerras e sabotagens comerciais com nações da Ásia e as ocupações Portuguesas no Brasil, Britânicas na Índia, Holandesas na África do Sul e tantas outras colônias foram justificadas pela inferioridade dessas culturas em relação à Europa. Assim, a partir dessas ideias, a história da filosofia também sofreu de um grande revisionismo, pois nesse período não se pensava na Grécia como ponto de partida e isso era óbvio; Judeus, Egípcios, Chineses e Árabes eram mencionados e estudados muito antes da Grécia nos manuais de filosofia. Filósofos gregos importantes, como Platão, Demócrito, Pitágoras e outros foram ao Egito para aprender e se aprimorar em suas práticas filosóficas. O racismo ideológico e “científico” teve papel fundamental para que os estudos da filosofia se distanciassem da África e da Ásia e o argumento desses intelectuais alemães que muito influenciaram o mundo acadêmico era: da África a filosofia não poderia ter surgido pois eram povos inferiores e bárbaros, e a produção da Ásia não poderia ser considerada filosofia pois era mais religião do que filosofia. Essas são as duas justificativas dadas para que a filosofia então seja criação original grega. Contudo, esses intelectuais não encontraram e estudaram a verdadeira filosofia que estava sendo trabalhada na Grécia antiga, eles constroem uma Grécia e projetam nela as características que eles admiravam em si. Portanto, esse revisionismo da história da filosofia não está correto nem do ponto de vista histórico e nem do filosófico.

Agora a pergunta que paira é: Por que vamos estudar essa linha do tempo já que ela é excludente e parcial? Como pode-se ver, (infelizmente) a comunidade acadêmica ainda utiliza essa periodização da história da filosofia e será necessário muito mais trabalho e tempo para que possamos alterá-la na sua raiz. Até lá, ainda será estudado primeiramente a Grécia e todo o círculo europeu de produção filosófica e assim também será cobrado nos vestibulares. Porém, já que temos que estudar essa linha do tempo, façamos com o real rigor e compromisso com a verdade e também adicionaremos pensadores que estão na margem desse sistema. Esperamos que aproveite.

Autores:

Arthur de Oliveira Moraes

Graduando em História (PUC-RIO) e Física(UFRJ), professor de filosofia do PECEP desde 2023.

Guilherme Sodré Franca Barros

Licenciado em Filosofia (UFF), professor de filosofia do PECEP desde de 2022.

CAPÍTULO I:

FILOSOFIA ANTIGA

CAPÍTULO I: FILOSOFIA ANTIGA

PRÉ-SOCRÁTICOS

O primeiro tópico que costumamos estudar na filosofia grega são os filósofos pré-socráticos. Essa denominação faz referência a grupos de pensadores anteriores e até contemporâneos a Sócrates, que viveu de 470 a 399 a.e.c. Assim, nossa linha tempo começa um pouco antes, no século 600 a.e.c. E por que começamos a partir desta data ?

Ao estudarmos os pré-socráticos, estamos nos referindo a muitos estudiosos que viveram há mais de 2500 anos, e na sociedade grega antiga a oralidade era muito mais relevante do que a escrita. Portanto, temos um duplo problema: não sobraram muito registros desse passado pois muitas informações se perderam ao longo do tempo, e o outro agravante é que essa sociedade grega antiga não tinha por hábito escrever essas lições filosóficas, uma vez que a prática da filosofia, da política, das leis e até da religiosidade estavam muito mais atreladas à fala do que à escrita. Temos poucas referências detalhadas da filosofia desses grupos, o que temos em maior números são os comentários de filósofos posteriores sobre esses mais antigos. É por isso portanto, que utilizamos uma abordagem do filósofo Aristóteles, ao dividir as ideias debatidas nesse primeiro momento da filosofia grega em duas grandes escolas de pensamento: a Escola Jônica e a Escola Itálica com o início da atividade dessas duas sendo, aproximadamente, no século 600 a.e.c.

Observação: Na verdade, havia mais do que duas escolas de filosofia, mas essa divisão entre Escola Itálica e Escola Jônica é uma simplificação para facilitar nosso entendimento e aproximar as ideias dessas diferentes escolas.

Antes, porém, de iniciarmos nossa explicação sobre essas duas escolas de pensamento, precisamos esclarecer exatamente o que era fazer filosofia. Estamos acostumados a pensar que filosofia é somente produzir ideias, mas isso não é exatamente o que os gregos faziam. Para eles, fazer filosofia não se resumia a sentar e criar ideias ou imaginar cenários e debater isso com outras pessoas. A palavra filosofia tem no seu centro a palavra Sofia/Sophia (em grego Σοφία) que significa a virtude da Sabedoria, e ela está relacionada com o modo em que você vive a sua vida, a sua prática de si, o seu comportamento. Ser filósofo é um processo de disciplina, de viver a vida de uma maneira distinta. Os filósofos gregos eram reconhecidos por serem pessoas que frequentavam as escolas de filosofia: locais em que algumas pessoas se reuniam para fazer banquetes, realizar rituais, debater sobre o mundo natural (physis) e para conversar sobre seu posicionamento político na cidade. Assim, um filósofo é aquele que vive uma vida disciplinada, com um código de conduta que varia dependendo da escola de filosofia. Toda filosofia era, deste modo, uma filosofia de vida, e as escolas eram locais que você frequentava e

conduzia todas as suas atitudes na sociedade a partir daqueles preceitos, tendo toda atividade filosófica uma finalidade prática na vida. Um exemplo são as observações das estrelas, uma atividade que aparentemente não tem um efeito prático na vida, mas para algumas escolas filosóficas, ao observarmos a harmonia das estrelas e do cosmos poderíamos nos tranquilizar e buscar essa mesma harmonia na vida.

ESCOLA JÔNICA



Por volta do século VI a.e.c, começa a surgir nas colônias gregas na região da Jônia (atual região costeira da Turquia) um grupo de pensadores que viriam a ser conhecidos como os primeiros filósofos gregos. Seus pensamentos se caracterizavam por um forte ímpeto de explicar o mundo através de seus próprios fenômenos, ao invés de explicá-lo se utilizando de fenômenos sobrenaturais. O que isso quer dizer? Veja no parágrafo seguinte tentando ignorar um certo anacronismo do exemplo.

Quando ocorre uma seca nas plantações de trigo das cidades gregas, a forma de explicar o motivo através de fenômenos sobrenaturais é dizer que Dionísio (deus grego da fertilidade) se irritou com o povo da cidade e por isso os estão punindo ou algo por essas linhas. Se quisermos explicar a seca utilizando fenômenos naturais do próprio mundo podemos dizer algo como: devido ao desmatamento das matas em regiões próximas, a estação de chuvas foi atrasada e os campos de trigo na Grécia não foram devidamente irrigados.

Muito provavelmente os gregos antigos não tinham tamanhos conhecimentos climáticos, porém através desse exemplo podemos deduzir a ideia fundamental que seria a base para todo o pensamento da escola jônica. A ideia de que todos os fenômenos têm causas, ou seja, uma noção primitiva do conceito de causa e efeito. Por meio desta noção de causa e efeito, os filósofos jônios desenvolveram sua principal metodologia, a busca pelas causas dos fenômenos do mundo. Apesar desta forma de pensar ser muito inovadora, ela carrega com si um grande problema.

Este problema ocorre quando tenta-se buscar as causas de qualquer uma coisa que seja e seguimos infinitamente buscando causas de causas. Isto é o que chamamos de Regressão ao Infinito. Por exemplo, queremos encontrar as causas de nossa própria existência. Imediatamente pensamos em nossa causa sendo os nossos pais, porém a causa dos nossos pais são nossos avós e a causa dos nossos avós são nossos bisavós e assim por diante. Com essa simples busca de causas já deparamos nós mesmos com o mesmo problema que os filósofos jônios enfrentaram ao buscar a causa dos fenômenos do mundo. Sendo assim, qual a solução que eles desenvolveram para não cair em uma Regressão ao infinito?

A solução é nomear um algo que sirva como Arché, ou seja, Causa Primeira para todas as outras causas e efeitos do mundo. Diversos filósofos jônios iram dizer qual é a causa primeira e a partir disso várias outras escolas se formaram. A partir disso podemos nos questionar como eles escolhiam qual seria a Arché que sua escola defenderia? Através da observação dos fenômenos naturais, estes filósofos chegariam às suas conclusões de qual seria a causa primeira do mundo. A seguir veremos alguns dos mais notórios filósofos da Jônia, suas respectivas Archés e poderemos fazer o esforço para tentar compreender os motivos pelos quais esses homens -num período que precede o advento do pensamento científico- definiram determinados elementos como a Causa primeira do mundo.

Tales de Mileto (624 - 546 a.e.c)

Tales de Mileto nasceu na cidade de Mileto na região grega da Jônia por volta do ano de 624 a.e.c e é considerado por muitos o primeiro filósofo grego da história. Como foi explicitado no capítulo anterior, o diferencial metodológico inaugurado por Tales e seus discípulos é o de tentar explicar a realidade a partir de elementos da própria realidade, em oposição à tentativa de explicá-la através de elementos místicos. Para evitar o problema da Regressão ao infinito em sua busca pela causa dos fenômenos, ele nomeia a Água como a Causa Primeira de tudo que existe, ou seja, sua Arché é a Água.

Durante sua vida Tales teve vários discípulos, alguns notórios como Anaximandro de Mileto e Anaxímenes de Mileto. Ambos, influenciados por Tales, nomearam outros elementos como suas Arché. Anaximandro nomeou o Ar, que tem a particularidade de ser um elemento que não podemos observar a olho nu, e Anaxímenes nomeou o Ápeiron, um conceito em grego criado pelo próprio Anaxímenes que se traduz para o indeterminado ou o ilimitado. Este desacordo em relação a qual de fato seria a Arché do mundo não era recriminado por Tales e sim incentivado. Assim, Tales, estabelece uma postura que acompanhará toda a história da filosofia e os que fizeram parte dela, o caráter crítico, ou seja, a iniciativa de apreender qualquer tipo de doutrina, analisar suas possíveis falhas e, posteriormente, argumentar de logicamente de forma contrária.

Heráclito de Éfeso (≈500 - ≈450 a.e.c)

Heráclito de Éfeso nasceu na cidade de Éfeso na região grega da Jônia por volta do ano de 540 a.e.c. Ele dará prosseguimento à metodologia de explicar o mundo através de elementos do próprio mundo, mas trará novas contribuições relevantes para a história da filosofia, chegando até a servir como principal representante de um dos lados da primeira disputa intelectual entre duas escolas filosóficas, os Mobilistas (Heráclito) e os Imobilistas (Parmênides).

Como seus antecessores, Heráclito nomeará um elemento como sua arché, este será o fogo. O fogo, na filosofia de Heráclito, servirá para representar o que, de fato, é o ponto principal de sua filosofia, isto é, a noção de que os conceitos fundamentais que caracterizam a existência são o movimento e a transformação. Para Heráclito devemos ter a compreensão de que tudo que existe está em processo de constante transformação e em um fluxo eterno. Esta mudança ou transformação é o que Heráclito irá chamar de Devir e, para ele, o mundo está em um eterno Devir. Uma famosa frase de Heráclito que sintetiza bem o seu pensamento é: “Não podemos nos banhar duas vezes no mesmo rio”. A citação serve para ressaltar o caráter mórfico da existência e, posteriormente, outros filósofos a complementarão dizendo: “pois não somos mais os mesmos e nem o rio é mais o mesmo”. Esta visão de mundo de Heráclito servirá de base para o que será chamado de filosofia mobilista, com este nome servido para ressaltar o movimento como conceito fundamental da escola.

ESCOLA ITÁLICA

As escolas itálicas recebem esse nome por conta das colônias gregas na região sul da Itália. Focaremos em dois grupos dessa escola: Os pitagóricos e os eleatas.

Pitágoras de Samos (570 - 495 a.e.c)



Pitágora nasceu em Samos, aproximadamente no ano de 570 a.e.c. e fundou sua escola em Crotona (Croton). Achar uma frase direta de Pitágoras é complicado pois não temos certeza

da autoria de seus ensinamentos, dado que era uma prática comum os alunos darem os créditos do seu pensamento ao Mestre. Assim, o que pensamos ser de Pitágoras pode, na verdade, ser uma produção de alunos dele. Contudo, o que podemos assegurar como um dos focos da escola de Pitágoras eram as teorias dos números, que a partir deles nós conseguimos entender o funcionamento do cosmos. Um dos maiores exemplos que temos é a Música. A música é organizada a partir de harmonia e notas musicais que podem ser descritas usando matemática. A harmonia é também um conceito muito valorizado pelos pitagóricos pois é ela que demonstra como a natureza se organiza. Veja, se você ler a letra de uma música ela não será tão bonita quanto ao cantá-la ! Quanto mais harmônico, mais belo; e a natureza em si é bela pois nela há uma harmonia inata: as plantas crescem na medida certa, o curso dos rios segue sem parar e todos os dias o sol nasce e se põe no horizonte.

Parmênides de Eleia (530 - 460 a.e.c)

Parmênides de Eléia, nascido no final do século VI a.e.c em uma das colônias gregas na região sul da atual Itália, é um dos filósofos mais importantes da tradição Pré-Socrática. Pouco das suas obras resistiram ao tempo, o que sabemos dele conhecido através de fragmentos e de menções por outros filósofos. Fundador da Escola Eleática, Parmênides e seus discípulos adotaram uma posição filosófica Monista: a multiplicidade de coisas no mundo e suas transformações são apenas ilusões, e que a essência de cada ser era imutável.

MOBILISMO X IMOBILISMO

De acordo com Heráclito, todas as coisas que existem estão em constante transformação, em movimento, nada permanece a mesma coisa para sempre “panta rei” (tudo flui); um exemplo dessas transformações são as da nossa aparência e das nossas ideias, que vão mudando conforme envelhecemos. Um outro ponto da teoria de Heráclito é que a realidade é marcada pelo conflito entre oposições que se equilibram: frio e calor, claro e escuro, bem e mal e outras dualidades do tipo. Portanto, Heráclito tem uma posição Mobilista do universo. Em contrapartida, temos Parmênides e seus discípulos. Para Parmênides, a realidade é única, imóvel, eterna, imutável, sem princípio, nem fim, contínua e indivisível. Toda transformação não é nada além de uma ilusão das aparências. Logo, Parmênides tem uma posição Imobilista do universo.

O embate dessas duas posições filosóficas, na verdade, é o embate se cada coisa no universo possui uma essência fixa ou se ela pode mudar e se as aparências e os sentidos humanos podem nos dar um conhecimento verdadeiro ou se eles só nos enganam.

Expandindo o problema, você pode pensar: Quem eu sou ? Qual é a essência de cada pessoa ? As nossas mudanças de comportamento conforme envelhecemos e aprendemos são alterações na nossa essência ou elas já estavam lá dentro de nós ? Ao longo desta apostila voltaremos em algumas dessas questões.

ESCOLA ATOMISTA

O próximo filósofo pré-socrático que explicaremos é conhecido por ter feito um excelente palpite a respeito da natureza do mundo. Seu nome é Demócrito, ele nasceu na cidade de Abdera, no norte da atual Grécia, e viveu entre 460 a.e.c. e 370 a.e.c.. Demócrito foi contemporâneo de Sócrates, mas ainda assim o consideramos um filósofo pré-socrático. Por que está denominação? Quando dizemos que um filósofo é pré-socrático, em geral, estamos nos referindo a filósofos que viveram antes do momento que Sócrates estava filosofando, porém também nos referimos aos filósofos que não foram influenciados pela filosofia socrática. Este é o caso de Demócrito, que apesar de coexistir com Sócrates, não foi influenciado por ele.

A filosofia de Demócrito é muito curiosa, pois ele tenta explicar o mundo a partir de conceitos muito a frente de seu tempo. Para ele, a realidade consiste em infinitos átomos e o vazio. Estes átomos são formas geométricas e, dependendo de suas formas, eles se atraem ou se repelem, assim, causando todos os fenômenos do mundo. O nome que será dado para a escola de Demócrito é de Escola Atomista, pois o conceito fundamental e explicativo da realidade para eles é o átomo. A filosofia de Demócrito foi muito influente na história do pensamento e podemos até dizer que ele errou por muito pouca em sua forma de explicar o funcionamento do mundo.

SÓCRATES E SOFISTAS

Sócrates (470 - 399 a.e.c)

Sócrates é uma das personalidades mais conhecidas da cultura grega e não é sem motivo. Esse ilustre pensador nasceu em 470 a.e.c em Atenas e morreu envenenado em 399 a.e.c. Sim, envenenado, por escolha própria, após ser condenado, injustamente, por crimes políticos contra a cidade de Atenas. Filho de uma parteira e de um escultor, Sócrates recebeu a tradicional educação grega, que consistia em aprender leitura e escrita a partir das obras do lendário poeta Homero. Se envolvendo na complexa política ateniense fez adversários e muitos seguidores. Era um bom orador e da sua filosofia temos somente aquilo que seus alunos registraram,

uma vez que **Sócrates não deixou nada escrito** e isso não foi um descuido, mas parte do seu método filosófico: a **Maiêutica**.

Maiêutica: Essa palavra significa Parto ou o ofício do parto, o que é uma clara alusão ao trabalho de parteira da mãe de Sócrates, contudo, ao invés de dar luz à crianças, **o filósofo dá luz à ideias**. Assim, seu método filosófico seria semelhante ao de uma parteira, pois o filósofo não é quem está parindo, mas sim aquele que está auxiliando no nascimento de uma ideia, é quem está ajudando o outro na formação de um pensamento.

Sócrates vagava pelas ruas junto de seus discípulos, interrogando as pessoas sobre seus saberes e suas convicções e, usando a sua refinada retórica, conduzia uma longa conversa, questionando se essa pessoa realmente sabia do que estava falando. As perguntas de Sócrates seguem geralmente o modelo “o que é X”, sendo X algum conceito. Por exemplo: Sócrates poderia lhe encontrar na rua enquanto você está indo comprar pão e ele, de forma até incômoda, poderia te questionar se você sabe o que é Paixão. Certamente você, para responder a pergunta, contaria algum momento da sua vida em que você esteve apaixonado; Sócrates, porém, devolveria a questão, falando que esse seu exemplo ainda não seria o suficiente para **definir** o que é a Paixão. Disso se seguiria uma longa conversa, ali mesmo, no meio da rua, na qual Sócrates lhe questionaria mais e mais, até você ver que realmente não consegue dar uma definição. Se antes você achava que sabia o que era Paixão, agora você sabe que não sabe. Temos então o primeiro passo, o grande lema socrático: “Só sei que nada sei”. Sabendo que não sabemos estamos mais prontos para, aí sim, saber de fato. Conscientes da nossa ignorância, podemos mais claramente nos direcionar para a verdade. Veja, em nenhum momento Sócrates te deu a definição, em nenhum momento ele disse que sabia a definição, ele apenas te instigou e fez você perceber que também não sabe. O filósofo, no método socrático, não é aquele que dá luz às ideias, mas aquele que, atento à sua própria ignorância, pode auxiliar e seguir junto de outros para buscar **a verdade única sobre todas as coisas**.

Sofistas

Por volta do século VI a cidade de Atenas passou por importantes transformações sociais. Uma série de reformas econômicas e políticas deram as bases para o que viria a ser a **Democracia Ateniense**. Nessa democracia a participação política era feita pela fala e pelo debate, com a participação de todos os cidadãos homens que já tinham atingido a maturidade. Saber falar bem, convencer e manipular a opinião pública eram essenciais para as sessões na Ágora - a praça pública que sediava as assembleias civis e militares de Atenas. É dentro desse contexto que se forma a figura que está em oposição à Sócrates: **Os Sofistas**.

Os Sofistas eram retores, oradores e mestres da retórica. Eram pessoas que se especializavam na arte do debate e no ensino de como debater. Por vezes os sofistas eram contratados para escrever discursos para figuras de autoridade, e em casos de conflito entre duas opiniões na política, um único sofista poderia escrever discursos para os dois lados. O que importa para um sofista não é a verdade em si, ou a busca por uma norma absoluta, mas o convencimento, a articulação social dentro do possível naquele determinado momento. Se com Sócrates temos a busca pela verdade única das coisas, você poderia pensar que os sofistas estariam inclinados à mentira ou à enganação, mas o caso não é esse; o que caracteriza um sofista é o **Conven-**
cionalismo. Vejamos com esse exemplo:

Você já parou para pensar como que o mesmo crime pode ter diferentes punições em vários países ? Se, por exemplo, um determinado crime é cometido aqui no Brasil a pena seria de 30 anos, mas se esse mesmo crime for cometido na Bolívia a pena seria de 50 anos. Nesse caso, qual país tem a pena correta ? O que podemos começar a pensar é que diferentes cidades, estados e países têm diferentes maneiras de fazer justiça, diferentes convenções sociais e conceitos de justiça. Para os sofistas isso não é um problema, mas é para Sócrates e seus discípulos, que acreditavam na busca da verdade única das coisas; assim, ao invés de termos diferentes jurisdições, deveríamos buscar A Justiça, o conceito maior que seria superior a todos os outros. Essa é a divergência entre esses dois pontos de vista, Sócrates acredita que o melhor e o pior estão, respectivamente, atrelados à verdade e à mentira, enquanto os Sofistas não têm essa percepção; para um sofista as normas jamais serão absolutas, jamais existirá um conceito único e definitivo, tudo depende das convenções, das relações humanas naquele determinado espaço.

PLATÃO (428 - 348 A.E.C)

Platão nasceu em Atenas em 428 a.e.c, e morreu na mesma cidade em 348. Pertencia a uma família da antiga aristocracia ateniense e foi discípulo de Sócrates durante dez anos até a sua condenação e morte. Após a morte de Sócrates, deixou Atenas e empreendeu algumas



viagens. No seu retorno, em 387 a.e.c, fundou sua escola filosófica, a Academia, nos arredores de Atenas. Por influência pitagórica mandou colocar a seguinte frase no pórtico da Academia: “Não passe destes portões quem não tiver estudado geometria.”

Antes de nos estendermos sobre um dos filósofos mais influentes da cultura grega, é preciso olhar novamente para o capítulo anterior e entender as motivações humanas da vida de Platão, pois elas estão diretamente relacionadas com o seu mestre Sócrates e sua condenação.

Sócrates foi condenado e morto em 399 a.e.c por dois crimes, um político e um religioso. O político seria o crime de corromper a juventude, e o religioso era o de não cultuar os deuses da cidade, ou seja, o crime de Impiedade. Ambos foram motivados por um jogo político dentro de Atenas, nenhuma das acusações eram verdadeiras e tinham por finalidade silenciar Sócrates. O crime de não cultuar os deuses era falso, pois as atividades religiosas na Grécia antiga eram sempre públicas e qualquer um poderia ver que Sócrates sempre fazia parte dos rituais em homenagem à Atenas e à Poseidon. A acusação de corromper a juventude veio à tona pois Sócrates iniciou na filosofia os filhos de homens muito importantes na política ateniense, e isso os incomodava, uma vez que Sócrates ensinava a esses jovens a questionar as pessoas usando a *Maiêutica*, e assim essas pessoas sentiam-se incomodadas por serem interrogadas e verem suas crenças e certezas sendo evaporadas pela lógica filosófica. Portanto, a condenação de Sócrates é marcada pela injustiça, por terem prevalecido os interesses particulares. Isso se deu uma vez que a democracia ateniense era uma em que a assembleia possuía um poder jurídico capaz não só de decisões pontuais, mas de mudar leis vigentes desde que se produzisse um consenso. Bastava convencer a maioria, e assim você poderia fazer qualquer coisa no espaço político. Por isso, não só Sócrates, mas muitos filósofos foram condenados ao questionarem as normas da cidade.

É dentro desse contexto que se insere Platão, pois na sua juventude foi discípulo de Sócrates e viu seu mestre ser condenado à morte injustamente. Imagine-se nessa situação: uma pessoa que você muito admirava e muito respeitava, alguém que você acompanhava com prazer durante toda semana, alguém que lhe ensinava as valiosas lições da vida, ser morto injustamente, acusado por homens corruptos e por uma assembleia cheia de pessoas que não tinham o interesse e a capacidade de buscar A Verdade. Essa é a visão de Platão. A visão de uma cidade afastada da verdade. Assim como seu mestre, Platão aprendeu a associar o bem com a verdade e o mal com a mentira. Isto posto, a direção que Platão toma dentro da sua Vida Filosófica é de tentar, em vida, encontrar as melhores representações da verdade, uma vez que a Verdade em si só seria alcançada na morte. Vamos agora tentar entender o sistema filosófico de Platão.

Formas e suas representações

O pensamento de Platão também é essencialista, assim como Sócrates. Ele está em

busca das definições das coisas, das essências, porém, a diferença é no modo em que ele faz isso e em como ele percebe a realidade. Começamos descrevendo a sua prática: a filosofia da escola de Platão era feita através da conversa. Sim, temos diversos textos de Platão, mas eles são acessórios, a verdadeira filosofia seria praticada através da conversa e isso é visível nos livros de Platão pois eles são diálogos entre personagens, e Sócrates é geralmente o personagem em destaque. Veja abaixo um desses diálogos extraído do texto *A República*:

Sócrates: *Não concordamos que a justiça é uma virtude da alma, e a injustiça um defeito?*

Trasímaco: *Concordamos, efectivamente.*

Sócrates: *Logo, a alma justa e o homem justo viverão bem, e o injusto mal.*

Trasímaco: *Assim parece, segundo o teu raciocínio.*

Sócrates: *Mas sem dúvida o que vive bem é feliz e venturoso, e o que não vive bem, inversamente.*

Trasímaco: *Como não seria?*

Sócrates: *Logo, o homem justo é feliz, e o injusto é desgraçado.*

Trasímaco: *Que seja.*

Sócrates: *Contudo, não há vantagem em se ser desgraçado, mas sim em ser feliz.*

Trasímaco: *Não pode ser de outro modo.*

Sócrates: *Então, jamais a injustiça será mais vantajosa do que a justiça, ó bem-aventurado Trasímaco!*

Platão, *A República*.

Bom, e por que, na visão de Platão, a palavra escrita é inferior à palavra falada? Por que a escrita é uma **representação** da fala. A escrita imita o diálogo, mas não consegue imitar com exatidão a sua fluidez. Não conseguimos debater com um livro, não há troca de ideias constante com um livro, as palavras escritas não se reelaboram, elas estão mortas, e é por isso que filosofia não pode ser feita lendo um livro. Esse é um dos inúmeros exemplos da visão platônica sobre a realidade: **o mundo é dividido em vários graus, que vão do extremo verdadeiro até o extremo falso. Nós estamos no meio desse caminho.** O meio do caminho entre o absoluto verdadeiro e o absoluto falso é o mundo sensível, o mundo real, que é povoado dessas representações: a palavra escrita é uma representação inferior da palavra falada. Na verdade, toda representação é inferior ao que ela está tentando representar: **A forma** (ideia)

Observação: Estamos usando a palavra Forma, mas é mais comum encontrar a palavra Ideia, tanto que em seguida até veremos a expressão Mundo das Ideias. O sentido é o mesmo. Nesta

apostila usamos as duas juntas, mas Forma é a tradução mais fiel ao termo em grego que o Platão utilizava: IDEA (ἰδέα)

As Formas (ideias)

Veja, imagine uma cadeira muito elegante, feita de madeira escura e toda ornada; agora imagine também aquela cadeira de plástico de bar. Você concorda que as duas são cadeiras ? Como podemos reconhecer que ambas são cadeiras ? Ora, nós sabemos que as duas são cadeiras porque elas têm a mesma **forma**. A forma é o que dita o que as coisas são. Você tem a forma da cadeira na sua cabeça, a ideia do que é uma cadeira, e a partir disso você consegue reconhecer o que é uma cadeira. E assim os exemplos são infinitos: As muitas mesas do mundo real são representações da forma(ideia) da mesa, uma montanha como o Corcovado é uma representação da forma(ideia) de uma montanha e assim vai desde dos objetos criados pelo ser humano até a paisagem natural. Tudo nesse mundo é uma representação imperfeita das Formas. E, para Platão, as Formas são sempre **Perfeitas e Únicas**. Só existe uma única Forma (ideia) de Cadeira e todas as cadeiras no mundo material fazem referência a essa Forma.

Os exemplos parecem bem simples e até fazem sentido, certo? Bom, então vamos complexificar e pensar em algo mais abstrato: O que é a justiça ? Responder essa pergunta no estilo platônico é tentar encontrar a forma da justiça. E qual é a forma da justiça ? Ou seja, quais são os elementos que nos remetem ao conceito mais verdadeiro de justiça ? O que é verdadeiramente justo ? Agora parece bem mais complicado do que o exemplo da cadeira e é exatamente esse tipo de pergunta que o Platão faz durante a sua filosofia. O que é o Amor ? O que é a Coragem ? O que é a Justiça ? O que é a Alma ? O que é a Amizade ? e muitas outras perguntas conceituais.

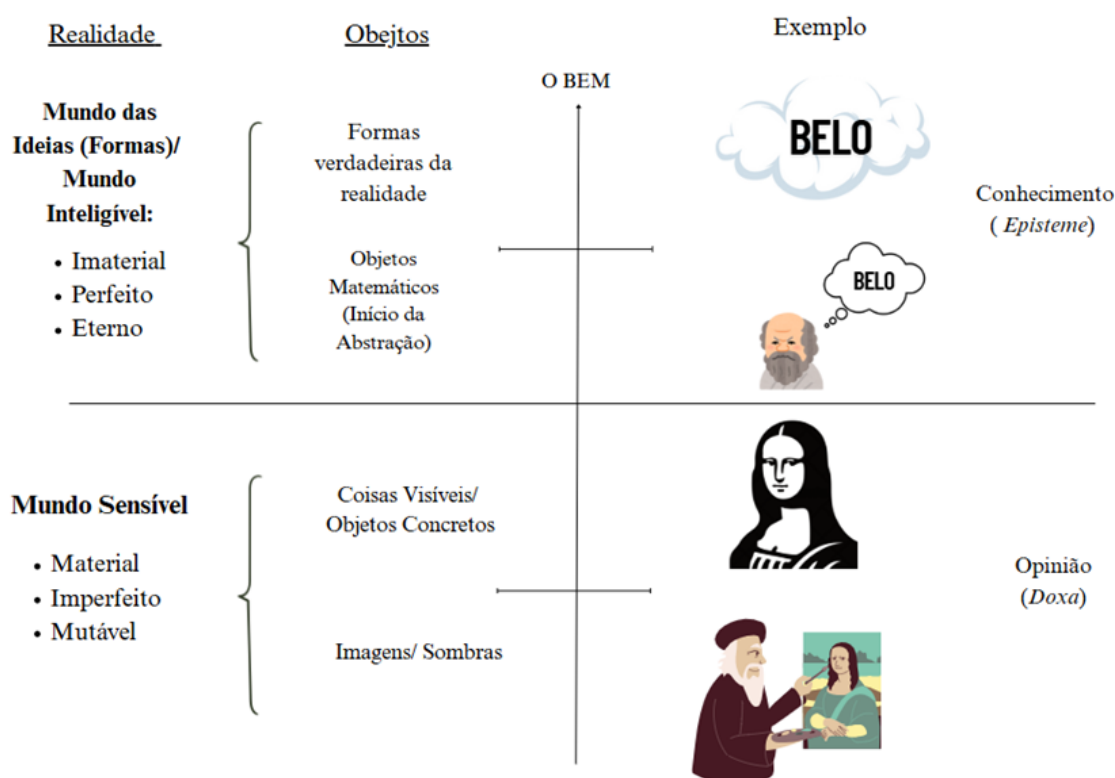
Contudo, o que precisamos esclarecer é que existem hierarquias entre as representações das formas. Tudo no mundo material é representação, mas existem melhores e piores representações, existem representações que estão mais próximas das formas perfeitas e outras que estão mais afastadas. Por exemplo, em uma cidade a justiça pode ser relativamente funcional, mas em outra cidade ela pode ser corrupta. A primeira cidade, portanto, tem uma representação mais aproximada da Forma (ideia) da Justiça. As duas perguntas mais importantes são: Onde estão essas tais Formas Perfeitas de todas as coisas ? Existe uma Forma(ideia) mais perfeita do que todas as outras Formas ? Vejamos essas perguntas neste próximo capítulo.

Mundo das ideias e Mundo sensível

Atenção redobrada, pois aqui é onde está o suco concentrado da Filosofia platônica. Para entender como Platão pensa a realidade, vamos ao seguinte quadro:

Como podemos ver na imagem acima, inspirada na *Passagem da Linha Dividida*, Platão

põe as Formas em uma espécie de realidade superior à nossa. É uma realidade povoada so-



mente pelas formas, chamada de **Mundo das Ideias**. A realidade material, o **Mundo Sensível**, é uma realidade povoada por representações (cópias) imperfeitas e parciais do Mundo das Ideias. O que Platão faz ao dividir esses dois mundos é também separar qual tipo de conhecimento pertence a cada um deles. No mundo sensível, o que prevalece são **os sentidos, as crenças e a opinião**, ou seja, conhecimentos mais imediatos e por vezes enganosos. Exemplo: Quantas vezes você olhou de longe para uma pessoa, achou que era alguém conhecido, mas quando chegou perto viu que não era. Esse é um exemplo de como nossos sentidos nos enganam e, portanto, não podem ser fontes confiáveis de conhecimento. A mesma coisa com as crenças e opiniões, isto é, formas de conhecimento que não passam por um processo de questionamento e investigação filosófica. Uma vez que a Filosofia na antiguidade grega era uma forma de vida, uma conduta a ser seguida e que Platão vê na sua cidade uma corrupção generalizada, com homens que não estão interessados com o bem comum e nem com a verdade, sua filosofia, portanto, é um exame e análise do caminho intelectual e social para um estado mais elevado de si, para uma ascensão ao plano das verdades. Dessa forma, o tipo de conhecimento que nos eleva ao Mundo das Ideais seria o conhecimento derivado de um raciocínio teórico, investigativo, questionador e elaborado pelo diálogo.

Doutrina da Reminiscência

No exemplo da cadeira dizemos que você consegue reconhecer aquelas duas como cadeiras pois você lembra da Forma(ideia) da cadeira em sua mente. Ora, você poderá se perguntar: E como eu sei a forma da cadeira ? De que maneira ela entrou na minha cabeça ? Para essa pergunta que, na verdade, é a pergunta sobre a natureza do nosso conhecimento, Platão tem uma resposta surpreendente: **A Alma**.

Veja, nós temos uma lembrança das Formas (ideias) pois nossa alma faz parte do Mundo das Ideias. Ela estava lá antes de nós nascermos, porém, ao se fixar no nosso corpo é como se ela estivesse em um estado dormente, lembrando vagamente dessa realidade superior em que ela convivia com A Verdade das coisas. É a nossa alma que permite o nosso acesso à verdade. Por isso, o trabalho filosófico através do diálogo e da maiêutica é de relembrar esse conhecimento esquecido. O caminho filosófico de Platão é uma ascensão, uma disciplina e uma atividade diária de fazer a nossa alma lembrar dessa época em que ela convivia nesse estado superior. Uma outra palavra para “lembrar” é a palavra **Reminiscência**. Dessa forma, a busca pelo conhecimento em Platão é chamada de **Doutrina da Reminiscência**, pois a vida filosófica é uma vida disciplinada, ou seja, doutrinada, para a lembrança do Mundo das Ideias, ou seja, reminiscência.

É por isso também que Platão condena os sentidos e tudo que é do terreno, dado que eles são obstáculos para o conhecimento verdadeiro. Uma vez que a nossa alma é a parte superior de nós e que, enquanto estamos vivos, ela estará presa ao nosso corpo, **é só na morte que o filósofo consegue atingir A Verdade**.

Então o que deveríamos fazer em vida, visto que é impossível atingir A Verdade em seu grau máximo: Buscar as melhores representações da verdade. Se a vida no Mundo Sensível é povoada por representações, por essas cópias imperfeitas das Formas (ideias), então a vida correta, isto é, a vida filosófica, é a vida em que buscamos as melhores representações desses conceitos universais. Por exemplo, a vida filosófica na política seria uma busca pela melhor expressão da Justiça; a vida filosófica na guerra seria a busca pela melhor expressão da Coragem, e assim por diante.

Alegoria da Caverna

Para finalizar, vamos expor uma das mais famosas passagens de Platão: A alegoria da Caverna.

Bom, Alegoria é uma espécie de exemplo, uma figura de linguagem que busca representar ideias de maneira figurada, tentando criar uma imagem ou cenário que representa um pensamento. Esse é um método muito utilizado por escritores e pensadores ao longo de toda a história humana. A narratividade dessas alegorias parecem facilitar o entendimento da men-

sagem e é justamente nesse sentido que Platão, na República, imagina essa Alegoria: como forma de facilitar o entendimento da sua visão sobre A Verdade, sobre o conhecimento e sobre a sociedade. Vamos a uma breve exposição:



Nesse texto, Platão está pondo dois personagens para conversar, como é de costume em todos os seus escritos. Sócrates e Glauco estão conversando já tem um tempo e Glauco parece ainda não entender muito bem qual é o ponto de Sócrates. Logo, Sócrates pede para Glauco imaginar e aqui também peço para que você imagine e acompanhe Sócrates nessa viagem:

Sócrates: *Imagina, pois, homens que vivem em uma espécie de morada subterrânea em forma de caverna. A entrada se abre para a luz, em toda a largura da fachada. Os homens estão no interior desde a infância, acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de modo que não podem mudar de lugar nem voltar a cabeça para ver algo que não esteja diante deles.*

Sócrates: *Então, ao longo desse pequeno muro, imagine outros homens que carregam todo tipo de objetos fabricados, ultrapassando a altura do muro, estátuas de homens, figuras de animais, de pedra, madeira ou qualquer outro material.*

Sócrates: *Assim sendo, os homens que estão nessas condições (acorrentados) não poderiam considerar nada como verdadeiro, a não ser as sombras dos objetos fabricados.*

Sócrates: *Se um desses homens fosse solto, forçado subitamente a levantar-se, a virar a cabeça, a*

andar, a olhar para o lado da luz, todos esses movimentos o fariam sofrer; ele ficaria ofuscado e não poderia distinguir os objetos, dos quais via apenas as sombras, anteriormente.

Sócrates: *E se o tirassem de lá à força [...] se não o largassem até arrastá-lo para a luz do Sol, ele não sofreria e se irritaria ao ser assim empurrado para fora? E, chegando à luz, com os olhos ofuscados pelo seu brilho, não seria capaz de ver nenhum desses objetos, que nós afirmamos agora serem verdadeiros.*

Sócrates: *É preciso que ele se habitue, para que possa ver as coisas do alto. Primeiro, ele distinguirá mais facilmente as sombras, depois, as imagens dos homens e dos outros objetos refletidas na água, depois os próprios objetos. Em segundo lugar, durante a noite, ele poderá contemplar as constelações e o próprio céu, e voltar o olhar para a luz dos astros e da Lua, mais facilmente que durante o dia para o Sol e para a luz do Sol.*

Sócrates: *Finalmente, ele poderá contemplar o Sol, não o seu reflexo nas águas ou em outra superfície lisa, mas o próprio Sol, no lugar do Sol, o Sol tal como ele é.*

Como entender essa passagem tão rica de significados ? Aqui apresentamos uma legenda e a moral dessa história:

- **Homens Acorrentados:** Somos nós, pessoas comuns, não-filósofos, prisioneiros de hábitos, preconceitos, costumes e das práticas que adquirimos desde a infância e que são “correntes” ou condicionamentos que nos fazem ver as coisas de uma determinada maneira, parcial, limitada, incompleta, distorcida, como “sombras” (reveja o quadro sobre o Mundo das Ideias e Mundo Sensível).

- **Os homens que carregam objetos:** Os sofistas e políticos de Atenas, que corrompem o povo e que não estão interessados na busca pela Verdade e pelo real bem estar da cidade. Esses objetos que eles carregam são os discursos e atitudes que imitam a Verdade, mas que são inferiores a ela. Por exemplo, um político pode dizer na assembléia que uma certa ação é necessária para o bem da cidade, mas, na verdade, aquilo só trará benefício para ele. São enganos para manter o povo refém e ignorante.

- **A subida até a entrada da caverna:** Aqui é o processo do aprendizado filosófico, o embate interno entre permanecer na confortável ignorância ou aprender dolorosamente que nada sabemos e buscar ativamente o conhecimento. O prisioneiro não está sendo levado ao topo da caverna por

outra pessoa, mas por si mesmo, pela sua Alma que deseja voltar e relembrar da Verdade.

- **O prisioneiro que precisa se habituar a olhar as coisas do alto:** Aqui é uma imagem de como o conhecimento funciona. Inicialmente, quando estamos aprendendo algo novo, ficamos perdidos, não sabemos exatamente para onde olhar. Precisamos começar olhando as coisas mais simples que não nos confundam tanto. À medida que vamos aprendendo e o assunto fica mais familiar, nós vamos aumentando o grau do que sabemos, passamos a olhar assuntos mais complexos, mais elevados. Por fim, quando nossos olhos estão plenamente habituados, nós nos direcionamos para o conjunto da obra e vamos então refletir sobre o objetivo do conhecimento e suas finalidades sociais.

- **O sol tal como ele é:** A mais elevada forma (ideia), a forma (ideia) superior a todas as outras é a **Ideia do Bem**. O sol aqui é uma metáfora para essa ideia que tudo ilumina, de onde tudo provém, e mesmo as sombras (representações imperfeitas) dependem do sol. O homem que chega ao sol é o homem que contempla a verdade e o ser de todas as coisas. É o filósofo.

Um pouco depois dessa exposição, Sócrates fala desse Homem que se libertou, subiu a caverna e viu A Verdade. Ela narra que esse homem, maravilhado pelo conhecimento, retorna à caverna para libertar seus antigos companheiros. O homem possuído pelo conhecimento, com os olhos agora acostumados com a luz, tem muita dificuldade em enxergar na caverna escura e seus antigos companheiros percebem isso. Enquanto o homem fala que seus companheiros estão cegos e não conhecem a verdade, os homens acorrentados pensam que o ignorante é o homem que saiu da caverna, uma vez que não consegue mais ver as sombras. O homem que se acostumou com o conhecimento não consegue mais retornar para a ignorância, e os ignorantes crêem que isso é uma falha. Os ignorantes, por preferirem ficar na confortável condição de não-saber, matam o homem que os incomoda.

Contudo, mesmo com o risco da morte, o filósofo deve voltar à caverna, e deve lutar para que os homens não sejam reféns dos manipuladores da verdade. É esse o papel do filósofo em Platão, de um educador, de um condutor político. O filósofo deve sempre manter-se fiel ao caminho da Verdade, mesmo quando sua vida está em risco. Foi isso que Sócrates fez. Ele poderia ter fugido, mas permaneceu, fez da vida a sua filosofia e em seus últimos momentos preocupou-se em dar mais uma lição ao seus discípulos. Portanto, mesmo que estejamos falando aqui do papel intelectual do filósofo, a virtude principal para fazer filosofia é a coragem (ἀνδρεία) !

ARISTÓTELES (384 - 322 A.E.C)

Aristóteles nasceu em Estagira, na Macedônia, e viveu entre os anos de 384 a.e.c e 322 a.e.c.. Quando era jovem, viajou para Atenas, onde foi discípulo de Platão na Academia. Após a morte de seu mestre, Aristóteles leciona em diversas cidades gregas até ser convidado por Felipe II da Macedônia para ser preceptor de seu filho Alexandre. Este viria a ser conhecido como Alexandre o Grande após suas bem sucedidas campanhas militares na Ásia Menor, Egito, Pérsia e Índia. Após alguns anos ensinando o jovem príncipe, Aristóteles retorna a Atenas e funda sua própria escola, o Liceu.

Como seu mestre, Platão, Aristóteles foi um filósofo divisor de águas na história da filosofia e do pensamento. Seus tratados abordam diversos temas como biologia, artes, ética, política e metafísica. Infelizmente, muitos destes textos foram perdidos pelos séculos, porém ainda temos preservados muitos de seus textos, como a Metafísica, a Poética, a Ética.

Teoria do Conhecimento

O primeiro ponto que explicaremos sobre Aristóteles é sua teoria de como o conhecimento é produzido ou descoberto e sua crítica ao modelo platônico de conhecimento exemplificado pela **Teoria das Ideias**. Como vimos em Platão, existem dois mundos, o mundo inteligível e o mundo sensível. Para adquirir conhecimento precisamos adentrar o mundo inteligível através do pensamento e entrar em contato com o que seriam os conceitos mais verdadeiros a respeito de qualquer coisa que existe no mundo.

Aristóteles critica esta ideia de dois mundos separados dizendo que para criar uma ligação entre o mundo inteligível e o sensível seriam necessários infinitos pontos de conexão, transformando esta tarefa virtualmente impossível. Para solucionar este problema lógico, Aristóteles desenvolve um modelo no qual o conhecimento se desenvolve de forma linear. O conhecimento começa pela sensação, passa pela memória, pela experiência, pela arte e chega à teoria, onde se discutem conceitos mais abstratos e complexos a respeito do objeto de estudo. Assim, Aristóteles, ao colocar a sensação como ponto inicial para o conhecimento, valoriza o mundo sensível tão abominado por Platão.

A seguir, exemplificarei o modelo aristotélico linear com uma forma de conhecimento banal, o conhecimento a respeito do cozimento de arroz:

Sensação: Prova-se arroz e sente-se seu sabor.

Memória: Retêm-se os dados do sabor do arroz em sua memória.

Experiência: Treina-se cozinhar arroz, assim adquirindo experiência a respeito de seu cozimento.

Arte: Entende-se os motivos que fazem o arroz ficar mais saboroso ou mais soltinho. Tem-se uma noção de o que se faz para alcançar determinados resultados no cozimento do arroz.

Teoria: Discute-se mais profundamente as leis físicas a respeito do cozimento do arroz, da ebulição da água e das transformações materiais que o arroz é submetido ao ser cozido. Além disso, pode-se discutir a existência do arroz, seu ser. O estudo deste ser, será o que chamaremos de Metafísica.

Metafísica

Na parte anterior, vimos que a Metafísica é algo a ser discutido ao se alcançar a forma mais elevada de conhecimento, a Teoria, mas o que é a Metafísica exatamente? **Ela é, nada mais, nada menos, que o estudo a respeito da própria existência das coisas em sua forma mais fundamental.** Aristóteles baseará seus estudos metafísicos no conceito de Substância Individual, esta é a forma mais básica que qualquer coisa no mundo existe.

A partir de suas indagações, Aristóteles percebe que dizemos que diversas coisas existem, por exemplo: Sócrates existe, um sorriso existe, a cor vermelha existe, um cavalo existe ou o aço existe. Apesar de tudo que foi listado acima existir, elas existem de formas muito distintas. Elas são distintas pelo simples motivo que Sócrates pode existir independentemente, enquanto um sorriso depende que uma pessoa seja o sujeito do sorriso, da mesma forma que a cor vermelha depende que exista um objeto material que seja sujeito desta vermelhidão. Para Aristóteles, isso é um problema conceitual e deve-se, então, categorizar as diferentes formas de existência dos fenômenos do mundo. Este estudo e categorização dos diversos tipos de existência é o que chamamos de Metafísica.

Política

Aristóteles desenvolve uma filosofia política bem distinta da filosofia política de seu mestre, se distanciando de um idealismo e se aproximando de um estudo mais baseado na realidade política grega. Para Platão, a política é tratada a partir de ideais com o melhor governo sendo o governo de um rei filósofo. Em Aristóteles temos uma análise bem mais completa e distante de ideais.

Para ele existem várias formas de governo no mundo e, dentre estas formas, temos os governos bons e ruins. Por exemplo: o governo de um só bom é chamado de monarquia, enquanto o governo de um ruim é chamado de tirania. O mesmo temos para o governo de poucos (Bom: Aristocracia; Ruim: oligarquia) e para o governo de muitos (Bom: Politeia; Ruim: Democracia). Desta forma, Aristóteles é capaz de desenvolver uma filosofia política muito mais fundamentada no contexto político real da Grécia Antiga. Vale lembrar que a Democracia é

considerada o governo de muitos ruim para Aristóteles. Isto se deve ao fato de que foi em uma democracia que o homem mais sábio foi morto, Sócrates, e por isso o nome que ele dá para o ruim é este.

Apesar desta análise ser mais bem fundamentada que a de outros filósofos mais antigos, ela ainda traz uma questão: Como definir se um governo é bom ou ruim, já que, em teoria, a forma com que, por exemplo, uma democracia e uma política se apresentam é a mesma? Ambos são governos de muitos, porém o que faz com que a democracia seja um governo de muitos ruim e a politeia um governo de muitos bom? A resposta de Aristóteles está relacionada aos valores fundamentais destes governos. Para ele, **um governo bom é um governo que tem como fundamento o bem comum**. Por mais correta que esta resposta seja, ainda temos mais um problema, o que é o bem e como se deve agir para que se esteja praticando o bem? Para responder isso precisamos adentrar em outra área da filosofia, a Ética.

Ética

Aristóteles percebe a necessidade da ética para que se possa legislar, educar e governar em prol do bem comum. Sendo assim, um agir ético é a chave para uma sociedade melhor ou uma sociedade na qual o fim último da vida humana esteja sendo realizado. Para Aristóteles este fim último é a felicidade. Todos querem ser felizes da forma que lhes convém, logo, nada mais justo do que ele definir a felicidade como o fim último ou o objetivo principal de toda a vida humana.

A felicidade, para Aristóteles, é entendida como agir de acordo com a virtude. Por esse motivo falamos que sua ética é uma espécie de ética da virtude. Mas afinal o que são as virtudes? Virtudes são como características ou “traços de caráter” que de alguma forma o melhoram como indivíduo, seja aos seus próprios olhos, seja aos olhos dos outros. Alguns exemplos de virtude são: Coragem, Generosidade e Temperança.

A forma como que se alcança estas virtudes é o caminho do meio, sem excessos ou faltas. Tomemos como exemplo a coragem, se faltarmos com a coragem seremos tidos como covardes, da mesma forma que se tivermos um excesso de coragem podemos ser tidos como, simplesmente, loucos. Desta mesma forma, Aristóteles irá enumerar diversas virtudes e analisar qual o resultado de sua falta ou de seu excesso. Por este motivo a Ética de Aristóteles é muito baseada no que podemos chamar de prudência, ou a capacidades e razoabilidade de saber se alguma ação é desmedida ou se é na medida, ou seja, virtuosa.

A ética da virtude de Aristóteles irá incentivar enormemente estudos de ética posteriores. Nos capítulos seguintes poderemos refletir sobre esta influência tanto no período do helenismo, quanto na idade média com o desenvolvimento da filosofia cristã.

HELENISMO

O Helenismo é um período histórico que se caracteriza pela expansão militar e cultural grega em direção à Ásia Menor, ao Norte da África e ao Oriente Médio. Este período se inicia em 336 a.e.c com as invasões de Alexandre, o Grande e termina com a conquista da Grécia pelos romanos em 168 a.e.c ou com a ascensão do Império Romano em 27 e.c.

Na história da filosofia, o Helenismo é um período de nascimento de muitas escolas filosóficas. Estas são caracterizadas, em geral, por não levarem adiante o espírito crítico das escolas estudadas anteriormente e sim criar dogmas e regras de como se viver bem. Suas filosofias são voltadas para a busca pela felicidade (eudaimonia) e o bem estar, sendo assim, **são escolas muito preocupadas com questões Éticas**. Alguns estudiosos apontam esta predileção pelo tema da busca pela felicidade (eudaimonia) como fruto da perda de poder político dos cidadãos gregos agora vivendo em um império cosmopolita, não mais em uma democracia. A seguir, detalharemos os principais pontos das escolas mais relevantes do período.

Epicurismo

A escola epicurista foi fundada por Epicuro em Atenas no ano de 306 a.e.c.. O epicurismo valoriza a experiência sensível e defende o prazer como um meio para a felicidade (eudaimonia). **A principal ideia é que o prazer é o oposto da dor, sem dor alcançamos a tranquilidade e com a tranquilidade (ataraxia) alcançamos a felicidade (eudaimonia), isto é, uma vida feliz.** O epicurismo defende o prazer dizendo ser algo natural ao ser humano e por isso, este deve ser algo a ser almejado. Apesar de sua defesa ao prazer, os epicuristas irão defender que o prazer deve ser moderado, ou seja, sem abuso (uma espécie de “aprecie com moderação”). Por conta da ascensão do catolicismo e de leitura enviesadas dos escritos de Epicuro, sua filosofia foi tomada como um simples hedonismo e rechaçada, porém, na realidade, ela contém ensinamentos muito importantes sobre moderação e aproveitamento da vida.

Estoicismo

O estoicismo surge em Atenas em 300 a.e.c. A escola estoica discutirá, principalmente, questões éticas e sua estreita ligação com a física, ou a natureza. Similar a como vimos na Ética aristotélica, os estoicos nomearam três virtudes básicas. Por serem virtudes, elas são bons traços de caráter que o melhoram como pessoa e, por isso, devem ser sempre almejadas. Estas são: Inteligência: o conhecimento do bem e do mal; Coragem: conhecimento do que temer e do

que não temer; Justiça: o conhecimento que nos permite dar a cada um o que lhes é devido.

Para os filósofos estoicos, há uma ligação estreita entre o mundo natural e a ética. Podemos constatar isto através da metáfora estoica da árvore, na qual as raízes são a física (ou o mundo natural), os troncos são a lógica e os frutos são a ética. Sendo assim, a ética são os frutos que colhemos a partir da natureza e da lógica, ou da razão. Como o homem é parte da natureza, sua vida deve estar de acordo com os princípios dela. Para sermos capazes de agir eticamente devemos, portanto, entender as leis da natureza e agir de acordo.

Esta linha de pensamento os leva a defender uma forte noção de destino, pois se vemos racionalidade na natureza, através de suas leis, constatamos que tudo que ocorre é dotado de racionalidade. Sendo assim, os estoicos concluem que ao aceitar a racionalidade da natureza, aceitamos que há razão nos acontecimentos do mundo. Entendendo essa racionalidade e aceitando o curso dos acontecimentos podemos alcançar um estado de tranquilidade (ataraxia) e consequentemente a felicidade (eudaimonia), que é o objetivo final, tanto dos estoicos, quanto da maioria das outras escolas helenistas. Um exemplo famoso dessa aceitação é a história de como um estoico ao ver alguém se afogando deve fazer de tudo para salva-la, mas se não conseguir, não deve se perturbar com isso, pois os acontecimentos são inevitáveis e racionais.

Por defender o autocontrole e a austeridade, a filosofia estoica será de grande influência para o desenvolvimento da filosofia cristã nos séculos seguintes. Também podemos ver semelhanças na questão do destino. Quando dizemos “Deus escreve certo em linhas tortas”, estamos alinhados com os estoicos, pois confiamos que os acontecimentos, mesmo que trágicos, são dotados de um sentido maior, ou seja, de uma racionalidade muitas vezes oculta.

Ceticismo

“Homem nenhum conhece a certeza e homem nenhum jamais a conhecerá”. Esta frase de Xenófanes serviu como máxima para se entender o pensamento cético por muitos anos, porém, a partir do trabalho de estudiosos da história da filosofia, a filosofia cética se mostra cada vez mais como algo complexo e dotada de muitas vertentes distintas. Tudo começa, possivelmente, com Pirro de Élis que irá defender **a impossibilidade do conhecimento verdadeiro, ou da incapacidade de se ter alguma certeza**. Pirro expõe sua visão de mundo a partir de três respostas que ele dará às perguntas feitas por seu discípulo Tímon. Estas perguntas são:

1) Tímon: *Qual a natureza das coisas?*

Pirro: *Nem os sentidos nem a razão nos permitem conhecer as coisas tais como são, e todas as tentativas resultam em fracasso.*

2) Tímon: *Como devemos agir em relação à realidade que nos cerca?*

Pirro: *Porque não podemos conhecer a natureza das coisas, devemos evitar assumir posições acerca disso.*

3) Tímon: *Quais as consequências dessa nossa atitude?*

Pirro: *O distanciamento que mantemos leva-nos à felicidade (eudaimonia).*

As respostas de Pirro servem como um excelente exemplo da corrente mais popular do ceticismo, o ceticismo pirrônico. Para ele a obtenção ou a criação de conhecimento é impossível, pois no mundo sensível não existem critérios suficientemente bons que nos permitam fazer qualquer afirmação verdadeira sobre algo. Sendo assim, o que devemos fazer se formos obrigados a decidir qual a mais verdadeira entre duas doutrinas distintas? Uma solução é decidir com base no que parece mais razoável e outra solução é fazer como Pirro afirma em sua segunda resposta, não afirmar nem negar. Este ato de nem afirmar nem negar se tornará a atitude cética por excelência e será chamada de Suspensão do Juízo. No decorrer do tempo, o ceticismo mudará muito sua forma de agir e de interpretar o mundo, porém um ponto é defendido por estudiosos da filosofia como de maior importância para os céticos. Este é a defesa de que sempre devemos questionar os critérios que estão sendo usados para se fazer qualquer afirmação acerca do mundo. Desta forma, o ceticismo deixa uma marca muito forte na história da filosofia, lembrando a todos que sempre devemos questionar o porquê de qualquer afirmação.

Cinismo

Quando pensamos na palavra cínico, pensamos em uma pessoa sarcástica que gosta de fazer graça com o absurdo e a gravidade de determinadas situações, em geral situações ruins. Quando falamos do cinismo em um contexto filosófico estamos nos referindo à uma escola específica de pensamento filosófico, escola esta que tem entre seus principais ensinamentos ideias que não se distanciam tanto do significado mais popular da palavra cínico. A seguir veremos o porquê.

O principal pensador do cinismo foi Diógenes, o Cão e é justamente deste seu apelido que vem o nome de sua escola, pois em grego κύων (kyôn) significa “cão” e κυνικός (kynikos) significa “como um cão” ou “igual a um cão”. Este apelido deve-se à forma como Diógenes se portava na cidade, sem apreço a nenhuma norma social, andando nu, insultando outros cidadãos e vivendo dentro de um barril nas ruas, de forma similar à um cão. A forma com que ele vivia já nos exemplifica alguns dos fundamentos da filosofia cínica, como: **a rejeição aos costumes da cidade, a rejeição à riqueza e a busca por uma vida simples de acordo com**

a natureza, apesar de viver na cidade. Temos, assim, um personagem que vivia em completo acordo com a sua filosofia, levando sua simplicidade as vezes à patamares um pouco extremos.

Transcreverei a seguir algumas pequenas histórias de Diógenes que servem como exemplo para o tipo de vida que ele cultivava e como em nenhum momento Diógenes agiu em desacordo com sua filosofia.

“Certa vez Diógenes viu um menino bebendo água com as mãos em concha e jogou fora o copo que tirara da sacola dizendo: “Um menino me deu uma lição de simplicidade!””

“Enquanto em certa ocasião o filósofo tomava sol no Cranêion, Alexandre, o grande, chegou, pôs-se à sua frente e falou: “Pede-me o que quiseres!” Diógenes respondeu: “Deixa-me o meu sol!””

“Enquanto ele fazia a primeira refeição na praça do mercado os circunstantes repetiam: “Cão!”, e Diógenes dizia: “Cães sois vós, que estais à minha volta enquanto faço a minha refeição!””

EXERCÍCIOS DE FILOSOFIA ANTIGA

Questão 1 (256 - ENEM 2016.3)

Todas as coisas são diferenciações de uma mesma coisa e são a mesma coisa. E isto é evidente. Porque se as coisas que são agora neste mundo - terra, água, ar e fogo e as outras coisas que se manifestam neste mundo -, se alguma destas coisas fosse diferente de qualquer outra, diferente em sua natureza própria e se não permanecesse a mesma coisa em suas muitas mudanças e diferenciações, então não poderiam as coisas, de nenhuma maneira, misturar-se uma às outras, nem fazer bem ou mal uma às outras, nem a planta poderia brotar da terra, nem um animal ou qualquer outra coisa vir à existência, se todas as coisas não fossem compostas de modo a serem as mesmas. Todas as coisas nascem, através de diferenciações, de uma mesma coisa, ora em uma forma, ora em outra, retomando sempre a mesma coisa.

(DIÓGENES. In: BORNHEIM, G. A. Os filósofos pré-socráticos. São Paulo: Cultrix, 1967)

O texto descreve argumentos dos primeiros pensadores, denominados pré-socráticos. Para eles, a principal preocupação filosófica era de ordem:

A) cosmológica, propondo uma explicação racional do mundo fundamentada nos elementos da natureza.

- B) política, discutindo as formas de organização da pólis ao estabelecer as regras da democracia.
- C) ética, desenvolvendo uma filosofia dos valores virtuosos que tem a felicidade como o bem maior.
- D) estética, procurando investigar a aparência dos entres sensíveis.
- E) hermenêutica, construindo uma explicação unívoca da realidade.

Questão 2 (310-ENEM 2018.2)

Demócrito julga que a natureza das coisas eternas são pequenas substâncias infinitas, em grande número. E julga que as substâncias são tão pequenas que fogem às nossas percepções. E lhes são inerentes formas de toda espécie, figuras de toda espécie e diferenças em grandeza. Destas, então, engendram-se e combinam-se todos os volumes visíveis e perceptíveis.
(SIMPLÍCIO. *Do Céu* (DK 68 a 37). In: *Os pré- socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1996)

A Demócrito atribui-se a origem do conceito de:

- A) porção mínima da matéria, o átomo.
- B) princípio móvel do universo, a arché.
- C) qualidade única dos seres, a essência.
- D) quantidade variante da massa, o corpus.
- E) substrato constitutivo dos elementos, physis.

Questão 3 (224 - ENEM 2016.1)

TEXTO I

Fragmento B91: Não se pode banhar duas vezes no mesmo rio, nem substância mortal alcançar duas vezes a mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança, dispersa e de novo reúne.

HERÁCLITO. *Fragmentos (Sobre a natureza)*. São Paulo: Abril Cultural, 1996 (adaptado).

TEXTO II

Fragmento B8: São muitos sinais de que o ser é ingênito e indestrutível, pois é compacto, inabalável e sem fim ; não foi nem será, pois é agora um todo homogêneo, uno, contínuo. Como

poderia o que é perecer? Como poderia gerar-se?

PARMÊNIDES. Da natureza. São Paulo: Loyola, 2002 (adaptado).

Os fragmentos do pensamento pré-socrático expõem uma oposição que se insere no campo das:

- A) investigações do pensamento sistemático.
- B) preocupações do período mitológico.
- C) discussões de base ontológica.
- D) habilidades da retórica sofística.
- E) verdades do mundo sensível.

Questão 4 (68 - ENEM 2012.1)

Para Platão, o que havia de verdadeiro em Parmênides era que o objeto de conhecimento é um objeto de razão e não de sensação, e era preciso estabelecer uma relação entre objeto racional e objeto sensível ou material que privilegiasse o primeiro em detrimento do segundo. Lenta, mas irresistivelmente, a Doutrina das Ideias formava-se em sua mente.

(ZINGANO, M. Platão e Aristóteles: o fascínio da filosofia. São Paulo: Odysseus, 2012 - adaptado)

O texto faz referência à relação entre razão e sensação, um aspecto essencial da Doutrina das Ideias de Platão (427 a.C.-346 a.C.). De acordo com o texto, como Platão se situa diante dessa relação?

- A) Estabelecendo um abismo intransponível entre as duas.
- B) Privilegiando os sentidos e subordinando o conhecimento a eles.
- C) Atendo-se à posição de Parmênides de que razão e sensação são inseparáveis.
- D) Afirmando que a razão é capaz de gerar conhecimento, mas a sensação não.
- E) Rejeitando a posição de Parmênides de que a sensação é superior à razão.

Questão 5 (73 - ENEM 2012.2)

Pode-se viver sem ciência, pode-se adotar crenças sem querer justificá-las racionalmente, pode-se desprezar as evidências empíricas. No entanto, depois de Platão e Aristóteles, nenhum homem honesto pode ignorar que uma outra atitude intelectual foi experimentada, a de adotar crenças com base em razões e evidências e questionar tudo o mais a fim de descobrir seu sentido último.

(ZINGANO, M. *Platão e Aristóteles: o fascínio da filosofia*. São Paulo: Odysseus, 2002)

Platão e Aristóteles marcaram profundamente a formação do pensamento Ocidental. No texto, é ressaltado importante aspecto filosófico de ambos os autores que, em linhas gerais, refere-se à:

- A) adoção da experiência do senso comum como critério de verdade.
- B) incapacidade de a razão confirmar o conhecimento resultante de evidências empíricas.
- C) pretensão de a experiência legitimar por si mesma a verdade.
- D) defesa de que a honestidade condiciona a possibilidade de se pensar a verdade.
- E) compreensão de que a verdade deve ser justificada racionalmente.

Questão 6 (138 - ENEM2014.1)

No centro da imagem, o filósofo Platão é retratado apontando para o alto. Esse gesto significa



(SANZIO, R. Detalhe do afresco A Escola de Atenas)

que o conhecimento se encontra em uma instância na qual o homem descobre a:

- A) suspensão do juízo como reveladora da verdade.
- B) realidade inteligível por meio do método dialético.
- C) salvação da condição mortal pelo poder de Deus.
- D) essência das coisas sensíveis no intelecto divino.
- E) ordem intrínseca ao mundo por meio da sensibilidade.

Questão 7 (177 - ENEM B2015.1)

Trasímaco estava impaciente porque Sócrates e os seus amigos presumiam que a justiça era algo real e importante. Trasímaco negava isso. Em seu entender, as pessoas acreditavam no certo e no errado apenas por terem sido ensinadas a obedecer às regras da sua sociedade. No entanto, essas regras não passavam de invenções humanas.

(RACHELS, J. Problemas da filosofia)

O sofista Trasímaco, personagem imortalizado no diálogo A República, de Platão, sustentava que a correlação entre justiça e ética é resultado de:

- A) determinações biológicas impregnadas na natureza humana.
- B) verdades objetivas com fundamento anterior aos interesses sociais.
- C) mandamentos divinos inquestionáveis legados das tradições antigas.
- D) convenções sociais resultantes de interesses humanos contingentes.
- E) sentimentos experimentados diante de determinadas atitudes humanas.

Questão 8 (197 - ENEM 2015.2)

Suponha homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, cuja entrada, aberta à luz, se estende sobre todo o comprimento da fachada; eles estão lá desde a infância, as pernas e o pescoço presos por correntes, de tal sorte que não podem trocar de lugar e só podem olhar para frente, pois os grilhões os impedem de voltar a cabeça; a luz de uma fogueira acesa ao longe, numa elevada do terreno, brilha por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros, há um caminho ascendente; ao longo do caminho, imagine um pequeno muro, semelhante aos tapumes que os manipuladores de marionetes armam entre eles e o público e sobre os quais exibem seus prestígios.

(PLATÃO. A República. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007)

Essa narrativa de Platão é uma importante manifestação cultural do pensamento grego antigo, cuja ideia central, do ponto de vista filosófico, evidencia o (a):

- A) caráter antropológico, descrevendo as origens do homem primitivo.
- B) sistema penal da época, criticando o sistema carcerário da sociedade ateniense.
- C) vida cultural e artística, expressa por dramaturgos trágicos e cômicos gregos.
- D) sistema político elitista, provindo do surgimento da pólis e da democracia ateniense.
- E) teoria do conhecimento, expondo a passagem do mundo ilusório para o mundo das ideias.

Questão 9 (231 - ENEM 2016.2)

Os andróginos tentaram escalar o céu para combater os deuses. No entanto, os deuses em um primeiro momento pensam em matá-los de forma sumária. Depois decidem puni-los da forma mais cruel: dividem-nos em dois. Por exemplo, é como se pegássemos um ovo cozido e, com uma linha, dividíssemos ao meio. Desta forma, até hoje as metades separadas buscam reunir-se. Cada um com saudade de sua metade, tenta juntar-se novamente a ela, abraçando-se, enlaçando-se um ao outro, desejando formar um único ser.

(PLATÃO. *O banquete*. São Paulo: Cultural, 1987)

No trecho da obra *O banquete*, Platão explicita, por meio de uma alegoria, o:

- A) bem supremo como fim do homem.
- B) prazer perene como fundamento da felicidade.
- C) ideal inteligível como transcendência desejada.
- D) amor como falta constituinte do ser humano.
- E) autoconhecimento como caminho da verdade.

Questão 10 (247 - ENEM 2016.3)

Estamos, pois, de acordo quando, ao ver algum objeto, dizemos: “Este objeto que estou vendo agora tem tendência para assemelhar-se a um outro ser, mas, por ter defeitos, não consegue ser tal como o ser em questão, e lhe é, pelo contrário, inferior”. Assim, para podermos fazer estas reflexões, é necessário que antes tínhamos tido ocasião de conhecer esse ser de que se aproxima o dito objeto, ainda que imperfeitamente.

(PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Abril Cultural, 1972)

Na epistemologia platônica, conhecer um determinado objeto implica:

- A) estabelecer semelhanças entre o que é observado em momentos distintos.
- B) comparar o objeto observado com uma descrição detalhada dele.
- C) descrever corretamente as características do objeto observado.
- D) fazer correspondência entre o objeto observado e seu ser.
- E) identificar outro exemplar idêntico ao observado.

Questão 11 (103 - ENEM 2013.1)

A felicidade é, portanto, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, e esses

atributos não devem estar separados como na inscrição existente em Delfos “das coisas, a mais nobre é a mais justa, e a melhor é a saúde; porém a mais doce é ter o que amamos”. Todos estes atributos estão presentes nas mais excelentes atividades, e entre essas a melhor, nós a identificamos como felicidade.

(ARISTÓTELES. A Política. São Paulo: Cia das Letras, 2010)

Ao reconhecer na felicidade a reunião dos mais excelentes atributos, Aristóteles a identifica como:

- A) busca por bens materiais e títulos de nobreza.
- B) plenitude espiritual e ascese pessoal.
- C) finalidade das ações e condutas humanas.
- D) conhecimento de verdades imutáveis e perfeitas.
- E) expressão do sucesso individual e reconhecimento público.

Questão 12 (127 - ENEM 2013.2)

O termo injusto se aplica tanto às pessoas que infringem a lei quanto às pessoas ambiciosas (no sentido de quererem mais do que aquilo a que têm direito) e iníquas, de tal forma que as cumpridoras da lei e as pessoas corretas serão justas. O justo, então, é aquilo conforme à lei e o injusto é o ilegal e iníquo.

(ARISTÓTELES. Ética à Nicômaco. São Paulo: Nova Cultural: 1996 - adaptado)

Segundo Aristóteles, pode-se reconhecer uma ação justa quando ela observa o:

- A) compromisso com os movimentos desvinculados da legalidade.
- B) benefício para o maior número possível de indivíduos.
- C) interesse para a classe social do agente da ação.
- D) fundamento na categoria de progresso histórico.
- E) princípio de dar a cada um o que lhe é devido

Questão 13 (148 - ENEM 2014.2)

Ao falar do caráter de um homem não dizemos que ele é sábio ou que possui entendimento, mas que é calmo ou temperante. No entanto, louvamos também o sábio, referindo-se ao hábito; e aos hábitos dignos de louvor chamamos virtude.

(ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. São Paulo: Nova Cultural, 1973)

Em Aristóteles, o conceito de virtude ética expressa a:

- A) excelência de atividades praticadas em consonância com o bem comum.
- B) concretização utilitária de ações que revelam a manifestação de propósitos privados.
- C) concordância das ações humanas aos preceitos emanados da divindade.
- D) realização de ações que permitam a configuração da paz interior.
- E) manifestação de ações estéticas, coroadas de adorno e beleza.

Questão 14 (159 - ENEM 2014.3)

Bastar-se a si mesma a uma meta a que tende a produção da natureza e também o mais perfeito estado. É, portanto, evidente que toda cidade está na natureza e que o homem a naturalmente feito para a sociedade política. Aquele que, por sua natureza e não por obra do acaso, existisse sem nenhuma pátria seria um indivíduo detestável, muito acima ou muito abaixo do homem, segundo Homero: um ser sem lar, sem família e sem leis.

(ARISTÓTELES. *A Política*. Disponível em: <http://cfh.ufsc.br> - adaptado)

Para Aristóteles, a cidade resulta de um(a):

- A) desenvolvimento da razão e suas leis que visam aperfeiçoar a natureza humana.
- B) convenção social, que pretende proteger a comunidade dos perigos naturais.
- C) ação violenta externa, que objetiva transformar o homem em um animal social.
- D) etapa natural do desenvolvimento humano, cuja finalidade é a vida em sociedade.
- E) contrato político, que beneficia de modo igualitário os membros das castas sociais.

.

Questão 15 (240 - ENEM 2016.2)

Ninguém delibera sobre coisas que não podem ser de outro modo, nem sobre as que lhe é impossível fazer. Por conseguinte, como o conhecimento científico envolve demonstração, mas não há demonstração de coisas cujos primeiros princípios são variáveis (pois todas elas poderiam ser diferentemente), e como é impossível deliberar sobre coisas que são por necessidade, a sabedoria prática não pode ser ciência, nem arte: nem ciência, porque aquilo que se pode fazer é capaz de ser diferentemente, nem arte, porque o agir e o produzir são duas espécies diferentes de coisa. Resta, pois, a alternativa de ser ela uma capacidade verdadeira e raciocinada de agir com respeito às coisas que são boas ou más para o homem.

(ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1980)

Aristóteles considera a ética como pertencente ao campo do saber prático. Nesse sentido, ela difere-se dos outros saberes porque é caracterizada como:

- A) conduta definida pela capacidade racional de escolha.
- B) capacidade de escolher de acordo com padrões científicos.
- C) conhecimento das coisas importantes para a vida do homem.
- D) técnica que tem como resultado a produção de boas ações.
- E) política estabelecida de acordo com padrões democráticos de deliberação.

Questão 16 (287 - ENEM 2017.2)

Dado que, dos hábitos racionais com os quais captamos a verdade, alguns são sempre verdadeiros, enquanto outros admitem o falso, como a opinião e o cálculo, enquanto o conhecimento científico e a intuição são sempre verdadeiros, e dado que nenhum outro gênero de conhecimento é mais exato que o conhecimento científico, exceto a intuição, e, por outro lado, os princípios são mais conhecidos que as demonstrações, e dado que todo conhecimento científico constitui-se de maneira argumentativa, não pode haver conhecimento científico dos princípios, e dado que não pode haver nada mais verdadeiro que o conhecimento científico, exceto a intuição, a intuição deve ter por objeto os princípios.

(ARISTÓTELES. *Segundos analíticos*. In: REALE, G. *História da filosofia antiga*. São Paulo: Loyola, 1994)

Os princípios, base da epistemologia aristotélica, pertencem ao domínio do(a):

- A) opinião, pois fazem parte da formação da pessoa.
- B) cálculo, pois são demonstrados por argumentos.
- C) conhecimento científico, pois admitem provas empíricas.
- D) intuição, pois ela é mais exata que o conhecimento.
- E) prática de hábitos racionais, pois com ela se capta a verdade.

Questão 17 (136 - ENEM 2014.1)

Alguns dos desejos são naturais e necessários; outros, naturais e não necessários; outros, nem naturais nem necessários, mas nascidos de vã opinião. Os desejos que não nos trazem dor se não satisfeitos não são necessários, mas o seu impulso pode ser facilmente desfeito, quando é difícil obter sua satisfação ou parecem geradores de dano.

(EPICURO DE SAMOS. *Doutrinas principais*. In: SANSON, V F. *Textos de filosofia*. Rio de Janeiro: Eduff, 1974)

No fragmento da obra filosófica de Epicuro, o homem tem como fim:

- A) alcançar o prazer moderado e a felicidade.
- B) valorizar os deveres e as obrigações sociais.
- C) aceitar o sofrimento e o rigorismo da vida com resignação.
- D) refletir sobre os valores e as normas dadas pela divindade.
- E) defender a indiferença e a impossibilidade de se atingir o saber.

Questão 18 (219 - 2016.1)

Pirro afirmava que nada é nobre nem vergonhoso, justo ou injusto; e que, da mesma maneira, nada existe do ponto de vista da verdade; que os homens agem apenas segundo a lei e o costume, nada sendo mais isto do que aquilo. Ele levou uma vida de acordo com esta doutrina, nada procurando evitar e não se desviando do que quer que fosse, suportando tudo, carroças, por exemplo, precipícios, cães, nada deixando ao arbítrio dos sentidos.

(LAÉRCIO, D. *Vidas e sentenças dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora UnB, 1988)

O ceticismo, conforme sugerido no texto, caracteriza-se por:

- A) Desprezar quaisquer convenções e obrigações da sociedade.
- B) Atingir o verdadeiro prazer como o princípio e o fim da vida feliz.
- C) Defender a indiferença e a impossibilidade de obter alguma certeza.
- D) Aceitar o determinismo e ocupar-se com a esperança transcendente.
- E) Agir de forma virtuosa e sábia a fim de enaltecer o homem bom e belo.

Questão 19 (289 - ENEM 2017.2)

XI. Jamais, a respeito de coisa alguma, digas: “Eu a perdi”, mas sim: “Eu a restituí”. O filho morreu? Foi restituído. A mulher morreu? Foi restituída. “A propriedade me foi subtraída”, então também foi restituída. “Mas quem a subtraiu é mau”. O que te importa por meio de quem aquele que te dá a pede de volta? Na medida em que ele der, faz uso do mesmo modo de quem cuida das coisas de outrem. Do mesmo modo como fazem os que se instalam em uma hospedaria.

(EPICTETO. *Encheirídion*. In: DINUCCI, A. *Introdução ao Manual de Epicteto*. São Cristóvão: UFS, 2012 - adaptado)

A característica do estoicismo presente nesta citação do filósofo grego Epicteto é:

- A) explicar o mundo com números.
- B) identificar a felicidade com o prazer.
- C) aceitar os sofrimentos com serenidade.
- D) questionar o saber científico com veemência.
- E) considerar as convenções sociais com desprezo.

GABARITO:

1- A 7- D 13- A 19- C

2- A 8- E 14- D

3- C 9- D 15- A

4- D 10- D 16- D

5- E 11- C 17- A

6- B 12- E 18- C

CAPÍTULO II:

FILOSOFIA MEDIEVAL

CAPÍTULO II: FILOSOFIA MEDIEVAL

Antes de adentrarmos no pensamento de Agostinho de Hipona, cremos que algumas observações se fazem necessárias. Se você bem reparar, nós pulamos cerca de 600 anos desde o Helenismo até o nosso primeiro pensador do período medieval. Também poderá reparar que neste capítulo só trataremos de dois autores, Agostinho nos séculos IV/V e Tomás de Aquino no século XIII. Logo, queremos fazer duas pontuações: primeiramente, esse salto do período Antigo para o Medieval não significa que a filosofia desapareceu do mundo, existiram diversos outros filósofos nesses 600 anos e readaptações das antigas escolas filosóficas gregas.

É nesse período que veremos a expansão do helenismo pelo mediterrâneo, a ascensão do Império Romano, o surgimento do cristianismo e diversos outros acontecimentos, e a filosofia esteve presente em todos eles. Uma figura muito importante de se destacar é Fílon, o Judeu (25 a.e.c.-50 e.c). Um judeu helenizado que buscou aproximar o Pentateuco (os cinco primeiros livros do Antigo Testamento) com a filosofia grega. Esse é um dos exemplos da maneira que filosofia foi se modificando e sendo adaptada e readaptada por muitos povos.

Em segundo lugar, o salto de 1000 anos de Agostinho até Tomás também não significa que a filosofia ficou perdida pelo caminho e nem que o período medieval fosse uma época de trevas e obscurantismo. Muito pelo contrário. A filosofia foi cada vez mais sendo utilizada como perna de apoio da doutrina eclesiástica da Igreja Católica. O desenvolvimento da Teologia é totalmente tributário às questões filosóficas muito mais antigas. Dessa forma, só estudarmos esses dois autores não é nada além de mais uma decisão arbitrária dentro da formação do cânone da filosofia. Sim, Agostinho e Tomás são indiscutivelmente importantes no período medieval e suas contribuições são marcos no pensamento. Porém, houveram outros que também se destacaram, como Eusébio de Cesaréia, Anselmo de Cantuária, Boécio, Pedro Abelardo, Beda o Venerável, Guilherme de Ockham, Isidoro de Sevilla, Anselmo de Canterbury, os árabes Avicenna e Averróis e muitos outros marcam os mais de 1000 anos da história da filosofia medieval.

AGOSTINHO DE HIPONA (SANTO AGOSTINHO) (354 - 430 E.C)



Aurélio Agostinho, nasceu no ano de 354 e.c em Tagaste na Numídia (parte da atual Argélia) ao norte da África, sob domínio Romano. Morreu em 430, ao largo da cidade de Hipona, também na Numídia, durante a invasão do território pelos Vândalos. Ao longo da sua vida viajou à Cartago, Roma e Milão, tornando-se professor de retórica e conhecendo Ambrósio, bispo de Milão, e grande fonte de inspiração para Agostinho. Até aquele momento, Agostinho seguia o Maniqueísmo Persa, uma religião do século II que se baseava na disputa entre o Bem e o Mal.

Veja, naquele período o Império Romano é esse corpo complexo de influências Pagãs e Cristãs. Agostinho vive justamente no período de guinada da religião cristã como a oficial do Império e das primeiras produções Teológicas em favor do cristianismo e das interpretações canônicas das escrituras. Contudo, mesmo após a conversão do Imperador Constantino ao cristianismo no início do século IV e com a adoção formal do cristianismo como religião oficial do Império com Teodósio, é importante destacar que a Igreja não se dissolve dentro do Império e nem o contrário. Roma não é uma Teocracia. O Imperador tem sim o papel de protetor da Igreja, mas isso não lhe garante um cargo nos quadros da Igreja.

Retomando, pela influência de Ambrósio, Agostinho se insere nos estudos das interpretações das escrituras e de suas referências. Uma delas era a filosofia **neoplatônica** de Plotino. Convertendo-se em 386 e batizados na vigília de páscoa de 387, Agostinho retorna à África e dedica-se à vida monástica, escrevendo textos muito importantes para a tradição cristã e para observarmos a maneira em que esse Doutor da Igreja utilizou a filosofia de Platão para ler o cristianismo. Vejamos a seguir três tópicos da Filosofia de Agostinho.

Patrística e a Interioridade da Verdade

A Patrística é o nome dado à principal corrente Teológica e Filosófica de defensores do cristianismo no século IV, na dita Alta Idade Média. O nome se dá pelos padres e teólogos -“Pais da Igreja” ou “ Santos Padres”- que agiram contra as heresias, isto é, as novas correntes do cristianismo, que surgiram enquanto a religião estabelecia seu cânone. Apesar desse movimento ser difuso nas suas referências, eles tinham em comum o uso de filosofias gregas em conjunto com a Teologia. Na visão desses padres a teologia cristã era o aperfeiçoamento, aquilo que faltava para a filosofia grega. O pensamento Platônico foi extensivamente utilizado pela Patrística por sua semelhança com a cosmologia cristã: o Mundo das Ideias, que só alcançaremos depois da morte, foi rapidamente comparado com o céu; a maneira que Platão condena o corpo e os sentidos também passa pela condenação cristã da carne e de que, para suprimi-lá, deveríamos viver uma vida disciplinada.

Porém, um dos tópicos que ganha força justamente com Agostinho é o da **interioridade**. Relembre que, para Platão, a nossa alma é essa parte divina que estava no Mundo das Ideias, mas que agora está preso dentro de nós até a nossa morte. A alma conhece a verdade, mas como está presa ao corpo, essa lembrança está distante. Agostinho segue na mesma direção para falar sobre como podemos conhecer as coisas, contudo, nos moldes cristãos. O que Agostinho fala é que o ser humano é capaz de conhecer a verdade pois tem dentro de si a **iluminação divina**. O ser humano é a criatura de Deus, criada à sua imagem e semelhança, portanto, temos também uma centelha do intelecto divino. Contudo, para acessar essa parte dentro de nós, não faremos como Platão, que põe o raciocínio como o caminho para a verdade. Agostinho na relação entre fé e razão diz que primeiro vem a fé e depois a razão, o privilégio é da fé e o verdadeiro conhecimento é o Teológico, o do saber divino. Veja, não se trata de jogar fora a filosofia, mas de saber que ela é imitada. A inspiração para essa primazia da fé parece derivada da famosa passagem de Isaías (7, 9) , “Se não crerdes, não entenderéis”.

Problema do Mal

Um clássico problema de base filosófica é o da natureza do mal. Veja, se Deus é bom, por que existe o mal ? Esse problema é tradicionalmente conhecido como Paradoxo de Epicuro, todavia, não temos confirmação da autoria de Epicuro, um autor da Grécia Antiga, sobre essa exata questão. O problema, é claro, ganha uma dimensão ainda mais pertinente dentro do cristianismo, visto que a bondade divina é sobressaltada nas escrituras do Novo Testamento. Agostinho se dedica a responder a essa questão e a desenvolve relacionando com outro grande problema filosófico, o do livre arbítrio. Primeiramente, Agostinho propõe o seguinte: só existe o Bem e o Mal é a ausência do Bem. Deus é Perfeito, é Bom, mas suas criaturas, os humanos, são inferiores, imperfeitos e finitos. Daí se origina o Mal como falha e

imperfeição, como a ausência de Deus.

Parece que a questão está encerrada, mas se você for sagaz, verá que existe um outro problema a ser respondido: Então por que Deus nos pune mesmo sabendo que vamos pecar? Se nós pecamos pelo pecado original e não temos como desfazê-lo, então não temos culpa dos nossos pecados, não podemos ser condenados uma vez que não pecamos porque queremos, mas porque faz parte da natureza humana. Agostinho também se propõe a responder essa questão e é aqui que entra o livre-arbítrio. Deus concedeu o livre-arbítrio a todos, para fazer o que quisermos e se pecamos é porque nos distanciamos dele, pois o mal é ausência do bem, ou seja, de Deus. Se Deus tivesse nos dado o livre-arbítrio, mas não tivesse nos dado a salvação, que é Cristo, até poderíamos reclamar, mas Deus deu o caminho, só não o segue quem não quer. Portanto, cada um é sim culpado pelo seu próprio pecado e **o mal nasce do livre-arbítrio do ser humano que escolhe ir contra a vontade de Deus.**

Note, você poderá não ficar satisfeito com essa resposta e o fato é que, se verdadeiramente fazemos filosofia, devemos ter a compreensão de que os problemas são inesgotáveis, há sempre uma interrogação a ser feita. Nós incentivamos que você questione cada vez mais e que consiga trazer um pouco do ceticismo filosófico para a sua vida.

TOMÁS DE AQUINO (SÃO TOMÁS DE AQUINO) (1225 - 1274 E.C.)



Tomás de Aquino é o maior representante de um movimento filosófico cristão do final da idade meio chamado de escolástica. A escolástica surge como estudo de filósofos e teólogos (principalmente Agostinho), bem como de gramática e de retórica, nos mosteiros e catedrais a partir do século XI. Seu desenvolvimento se dá em um contexto de grande influência de pensadores árabes na Europa, principalmente através da península ibérica, e da fundação das primeiras universidades do mundo na Tunísia, Marrocos e Egito e, posteriormente, na Europa.

O cristianismo até então era fortemente platônico e através do contato com os árabes, vemos o ressurgimento dos textos aristotélicos, até então perdidos na Europa, agora traduzidos e comentados. Temos a figura de Averróis, por exemplo, como um grande comentador árabe de Aristóteles. A partir, então, deste contato Tomás de Aquino irá desenvolver sua filosofia muito alinhada com a filosofia de Aristóteles.

São Tomas de Aquino, como ficou conhecido, nasceu em Nápoles no ano de 1224. Ele terá uma vida acadêmica muito agitada, ministrando cursos de teologia e dando aula na universidade de Paris. Com apenas 50 anos de idade, Tomás de Aquino irá falecer, porém não antes de escrever sua principal obra: A Suma Teologia. Nesta obra, o filósofo irá discutir a necessidade e a possibilidade de comprovação da existência de Deus. Neste capítulo focaremos nesta discussão conhecida como As Cinco Vias de Demonstração da Existência de Deus.

O filósofo iniciará sua discussão com uma pergunta: **A existência de Deus é auto-evidente?** Após desenvolver diversos argumentos a favor e contra a questão se deus é ou não auto evidente, Tomás conclui que não. Sendo assim, prossegue para a próxima pergunta: **A existência de Deus pode ser demonstrada?** Tomás conclui que não podemos conhecer a essência de Deus, mas podemos conhecê-lo através de sua criação, o mundo. Sendo assim, um maior entendimento das leis que o mundo e a realidade nos permitiria alcançar um nível de compreensão maior a respeito de Deus. A partir de suas reflexões e de um extenso estudo das obras de Aristóteles, Tomás de Aquino escreverá suas célebres Cinco Vias de Demonstração da Existência de Deus. Onde aplicará diversos conceitos aristotélicos para explicar seu raciocínio e, assim, comprovar a existência de Deus de forma lógica.

As Cinco Vias de Demonstração da Existência de Deus são:

PRIMEIRA VIA

Argumento do movimento: tudo que se move deve ser movido por algo, logo, Deus é o primeiro motor. O primeiro a mover tudo que existe no real.

SEGUNDA VIA

Argumento da causa eficiente: nada pode ser causa de si mesmo, pois assim seria anterior a si

mesmo. Logo, Deus deve ser a primeira causa, ou a causa de todas as causas.

TERCEIRA VIA

Argumento cosmológico: a natureza não pode ser todo contingente, pois se existe algo, algo necessariamente deve existir para causá-lo. Deus é o que há de primeiro e necessário. Ou seja, nada na realidade é necessária para que ela seja a realidade, Deus seria a única coisa, de fato, necessária.

QUARTA VIA

Todas as coisas apresentam diferentes graus de diferentes características, por exemplo, mais bonito, mais inteligente etc. Esses graus são comparados ao máximo: Deus é o ser no grau máximo de perfeição. Simplesmente por termos o conceito de perfeição, precisamos de algo para ser esse parâmetro. Se algo existe que é perfeito, é Deus.

QUINTA VIA

Argumento teleológico: Toda a natureza caminha para um único fim, logo só Deus pode ser responsável por essa determinação. No catolicismo esse fim é o apocalipse, na ciência é o fim do universo. Como tudo requer uma finalidade, Deus foi o responsável por determinar esta finalidade, da mesma forma que determinou o início.

A partir destes argumentos, Tomás comprova que, a partir da lógica, é necessária a existência de Deus. Nos anos posteriores, o pensamento de Tomás de Aquino se infiltrará na igreja, tornando o tomismo quase como a filosofia oficial da igreja. O aspecto mais importante de sua filosofia é o fato dele pensar em Deus através de categorias naturais, como causa e efeito, movimento etc. Este método de análise permitirá que os estudos naturais sejam legitimados pela Igreja, pois ao estudar a natureza e suas leis, estuda-se a obra de Deus e, conseqüentemente, se descobre algo sobre a natureza de Deus. Com Tomás de Aquino, a velha disputa entre razão e fé parece de fato resolvida.

EXERCÍCIOS DE FILOSOFIA MEDIEVAL

Questão 1 (Enem 2019)

De fato, não é porque o homem pode usar a vontade livre para pecar que se deve supor que Deus a concedeu para isso. Há, portanto, uma razão pela qual Deus deu ao homem esta característica, pois sem ela não poderia viver e agir corretamente. Pode-se compreender, então, que ela foi concedida ao homem para esse fim, considerando-se que se um homem a usar para pecar, recairão sobre ele as punições divinas. Ora, isso seria injusto se a vontade livre tivesse sido dada ao homem não apenas para agir corretamente, mas também para pecar. Na verdade, por que deveria ser punido aquele que usasse da sua vontade para o fim para o qual ela lhe foi dada?

(AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*. In: MARCONDES, D. *Textos básicos de ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.)

Nesse texto, o filósofo cristão Agostinho de Hipona sustenta que a punição divina tem como fundamento o(a):

- A) desvio da postura celibatária.
- B) insuficiência da autonomia moral.
- C) afastamento das ações de desapego.
- D) distanciamento das práticas de sacrifício.
- E) violação dos preceitos do Velho Testamento.

Questão 2 (198- 2015.2)

Se os nossos adversários, que admitem a existência de uma natureza não criada por Deus, o Sumo Bem, quisessem admitir que essas considerações estão certas, deixariam de proferir tantas blasfêmias, como a de atribuir a Deus tanto a autoria dos bens quanto dos males. Pois sendo Ele fonte suprema da Bondade, nunca poderia ter criado aquilo que é contrário à sua natureza.

(AGOSTINHO. *A natureza do Bem*. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005 - adaptado)

O texto apresenta uma elaboração teórica de Tomás de Aquino caracterizada por:

- A) reiterar a ortodoxia religiosa contra os heréticos.
- B) sustentar racionalmente doutrina alicerçada na fé.

- C) explicar as virtudes teológicas pela demonstração.
- D) flexibilizar a interpretação oficial dos textos sagrados.
- E) justificar pragmaticamente crença livre de dogmas.

Questão 3 (Enem 2016)

Enquanto o pensamento de Santo Agostinho representa o desenvolvimento de uma filosofia cristã inspirada em Platão, o pensamento de São Tomás reabilita a filosofia de Aristóteles – até então vista sob suspeita pela Igreja —, mostrando ser possível desenvolver uma leitura de Aristóteles compatível com a doutrina cristã. O aristotelismo de São Tomás abriu caminho para o estudo da obra aristotélica e para a legitimação do interesse pelas ciências naturais, um dos principais motivos do interesse por Aristóteles nesse período.

(MARCONDES, D. *Textos básicos de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005)

A Igreja Católica por muito tempo impediu a divulgação da obra de Aristóteles pelo fato de a obra aristotélica:

- A) valorizar a investigação científica, contrariando certos dogmas religiosos.
- B) declarar a inexistência de Deus, colocando em dúvida toda a moral religiosa.
- C) criticar a Igreja Católica, instigando a criação de outras instituições religiosas.
- D) evocar pensamentos de religiões orientais, minando a expansão do cristianismo.
- E) contribuir para o desenvolvimento de sentimentos antirreligiosos, seguindo sua teoria política.

Questão 4 (Enem 2015)

Ora, em todas as coisas ordenadas a algum fim, é preciso haver algum dirigente, pelo qual se atinja diretamente o devido fim. Com efeito, um navio, que se move para diversos lados pelo impulso dos ventos contrários, não chegaria ao fim de destino, se por indústria do piloto não fosse dirigido ao porto; ora, tem o homem um fim, para o qual se ordenam toda a sua vida e ação. Acontece, porém, agirem os homens de modos diversos em vista do fim, o que a própria diversidade dos esforços e ações humanas comprova. Portanto, precisa o homem de um dirigente para o fim.

(AQUINO, T. *Do reino ou do governo dos homens: ao rei do Chipre*. Escritos políticos de São Tomás de Aquino. Petrópolis: Vozes, 1995 (adaptado).

No trecho citado, Tomás de Aquino justifica a monarquia como o regime de governo capaz de:

- A) refrear os movimentos religiosos contestatórios.

- B) promover a atuação da sociedade civil na vida política.
- C) unir a sociedade tendo em vista a realização do bem comum.
- D) reformar a religião por meio do retorno à tradição helenística.
- E) dissociar a relação política entre os poderes temporal e espiritual.

Questão 5 (Enem 2018)

Não é verdade que estão ainda cheios de velhice espiritual aqueles que nos dizem: “Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra? Se estava ocioso e nada realizava”, dizem eles, “por que não ficou sempre assim no decurso dos séculos, abstendo-se, como antes, de toda ação? Se existiu em Deus um novo movimento, uma vontade nova para dar o ser a criaturas que nunca antes criara, como pode haver verdadeira eternidade, se n’Ele aparece uma vontade que antes não existia?”

(AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.)

A questão da eternidade, tal como abordada pelo autor, é um exemplo da reflexão filosófica sobre a(s):

- A) Essência da ética cristã.
- B) Natureza universal da tradição.
- C) Certezas inabaláveis da experiência.
- D) Abrangência da compreensão humana.
- E) Interpretações da realidade circundante.

Questão 6 (Enem PPL 2019)

Tomás de Aquino, filósofo cristão que viveu no século XIII, afirma: a lei é uma regra ou um preceito relativo às nossas ações. Ora, a norma suprema dos atos humanos é a razão. Desse modo, em última análise, a lei está submetida à razão; é apenas uma formulação das exigências racionais. Porém, é mister que ela emane da comunidade, ou de uma pessoa que legitimamente a representa.

(GILSON, E.; BOEHNER, P. *História da filosofia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1991 (adaptado).

No contexto do século XIII, a visão política do filósofo mencionado retoma o:

- A) pensamento idealista de Platão.
- B) conformismo estoico de Sêneca.

- C)ensinamento místico de Pitágoras.
- D)paradigma de vida feliz de Agostinho.
- E)conceito de bem comum de Aristóteles

GABARITO

1-B

2-B

3-A

4-C

5-D

6- E

CAPÍTULO III:

FILOSOFIA MODERNA

CAPÍTULO III: FILOSOFIA MODERNA

MAQUIAVEL (1469 - 1527 E.C)



(Retrato de Maquiavel feito por Sandi di Tito, 1550-1600)

Nicolau Maquiavel foi filósofo, poeta e diplomata nascido em 1469 na áurea cidade de Florença, na Itália. Certamente você já ouviu a expressão “maquiavélico” para descrever alguém cujas ações são más, perversas, manipuladoras e que não tem escrúpulos. O termo tem origem com o que aparentemente Maquiavel descreve como sendo o necessário para se manter um governo. Aqui, porém, você verá que nosso querido florentino não merece esses adjetivos tão negativos. Precisamos olhar para esse pensador sem o moralismo baixo e costumeiro. Nossa empreitada neste capítulo é dar um pouco do contexto histórico de Maquiavel, ver de qual lugar ele fala, a quem faz referência e a quais ideias ele critica.

Contexto Histórico

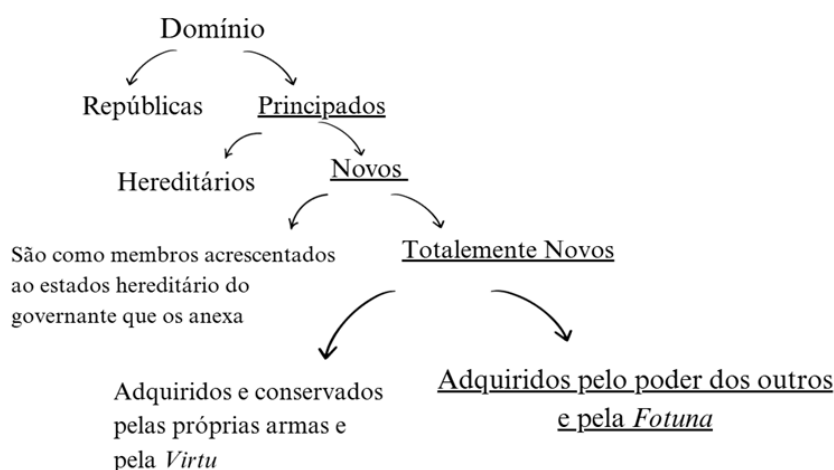
O mundo de Maquiavel é o mundo político dos séculos XV e XVI. O que conhecemos como o território da Itália era um campo aberto de disputas palacianas entre principados, ducados e repúblicas emergentes, bem como de reinos outros, como a França e a Espanha. O Ducado de Milão, a República de Veneza, o Reino de Nápoles, os Estados Papais e a cidade de Florença - que passa tanto por períodos de principado quanto de república - estão em constante disputa e jogo político de influências. Maquiavel ascende a um cargo público na Segunda Chancelaria de Florença (instituição responsável por trabalhos diplomáticos, administrativos e arquivísticos) justamente no período republicano em 1498. Seu pai, Bernardo Maquiavel, fez questão

de fornecer ao seu filho a formação das *Studia Humanitatis*, um ideal de formação clássica, da antiga República Romana (antes da era comum) que foi retomado pelo movimento **Humanista**. Essa formação era composta por uma ordem de aprendizado: **Gramática, Retórica, Poesia, História** e por fim **Filosofia Moral**. Assim, com essa formação tão densa e direcionada para a atuação na coisa pública, Maquiavel, apesar de novo, conseguiu importantes atribuições dentro da república Florentina.

Contudo, suas atividades diplomáticas não durarão muito. Em 1512, o governo republicano de Florença foi destituído e a família Medici assumiu o controle; Maquiavel, como era uma figura diplomática muito importante para o governo anterior, foi removido do cargo e exilado, posteriormente foi preso e torturado por um suposto envolvimento em uma conspiração contra os Medici. Entretanto, foi anistiado como parte das celebrações por Giovanni de Medici ter sido eleito o novo papa em 1513; o primeiro papa da família Medici, sob o nome pontífice de Leão X. Mesmo após sua libertação ele permanece em exílio, e através de seus contatos na cidade tenta retornar para a política Florentina, buscando convencer os Medici que suas habilidades na diplomacia seriam muito úteis ao novo governo por dois motivos: primeiro, pela sua experiência no campo diplomático; em segundo, pelo seu vasto conhecimento dos estudos clássicos gregos e romanos. Assim, passamos para analisar a sua mais importante obra, O príncipe, um texto que sintetiza os conhecimentos diplomáticos e clássicos de Maquiavel e seria destinados à Lorenzo de Medici para provar o quão valioso seu autor era.

Observação: O príncipe é a obra mais famosa do gênero literário Espelho dos Príncipes, um tipo de texto muito comum na Idade Média e Renascimento. Eram textos que buscavam reunir conselhos e regras que um novo governante deveria aprender para bem conduzir o seu domínio. Seriam como manuais de governo e conduta que expunham ideais de virtude, de moral e de administração.

O texto começa com Maquiavel dizendo sobre qual tipo de governo ele irá tratar. Para isso, vejamos o quadro abaixo com a divisão que ele faz:



A escolha é, portanto, pelo cenário mais difícil, mais instável e que mais precisa se articular para atingir o ponto de conservação. Vamos observar estas duas palavras em *itálico* *Virtu* e *Fortuna*.

Herança Clássica: *Fortuna* e *Virtu*

Como já falamos, Maquiavel foi educado nos ideais clássicos retomados pelo movimento **Humanista** desde o século XIV. Porém, as pesquisas dos Humanistas não se focaram em resgatar a cultura clássica somente para fins de estudo, mas também buscaram reavivá-la no seu cotidiano, pondo em prática no campo público o modo de vida clássico. Desta maneira, junto dos ideais de educação, vieram também os ideais de vida e de moral, reativando referências do universo mental antigo. Um desses elementos resgatados foi a ideia de *Fortuna*.

Fortuna era a deusa romana da sorte, do destino e do acaso. Representada em estátuas com uma cornucópia em uma mão - símbolo de fartura e abundância na Grécia antiga, era um recipiente feito do chifre de um animal que servia para guardar frutos e flores - e com um timão na outra - representando os infinitos caminhos e a distribuição dos bens (daí vem o termo *Roda da Fortuna*) - ela estava sempre vendada, para demonstrar que a *Fortuna* age quase sempre de maneira aleatória.

Veja, esta é uma divindade do mundo pagão romano, mas, durante a cristianização do império, a *Fortuna*, é claro, não poderia mais ser uma deusa. Todavia, ela não desapareceu, mas foi incorporada no cristianismo como um outro conceito: **a providência divina**, isto é, a vontade de Deus, a sua agência no mundo terreno. Parte do trabalho Humanista foi o de retomar o conceito antigo de *Fortuna*. Da existência de uma força maior que era o acaso e que parte do destino dos homens estava ao poder do acaso, mas outra parte estaria na responsabilidade de cada um. Uma pessoa poderia dobrar a *Fortuna*, ou seja, fazer o acaso lhe favorecer se ele tivesse o poder necessário para isso: a *Virtu*.

A *Virtu* também é um conceito reavivado da antiguidade. Traduzida por *Virtude*, seria o conjunto de boas condutas e qualidades. É claro que o conceito de *virtude* variou modestamente ao longo dos tempos. No período cristão, houve o acréscimo de tipos de *virtude*, as cardeais, ou seja, as que são guia e eixos morais da ação humana: Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança; e as *virtudes teologias*, ou seja, advindas de Deus para bem alcançarmos a salvação: Fé, Esperança e Caridade. No renascimento e dentro do movimento humanista, porém, ocorre não somente a retomada deste como o conceito principal da formação de um indivíduo, mas a sua expansão - nesse sentido houveram humanistas que fizeram listas de mais de 40 qualidades que uma pessoa virtuosa teria - e uma outra percepção do humano, não mais aquela do período medieval, do homem eternamente marcado pelo pecado e cujo destino está nas mãos de Deus. O homem humanista do renascimento é aquele capaz de modificar o seu próprio destino,

é ele e não Deus que está no controle da sua vida. Veja, esses humanistas não estão contra o cristianismo; eles são cristãos, mas tem uma visão mais **otimista** do humano, de uma vontade mais livre, isto é, de um livre-arbítrio. Logo:

A virtude é aquilo que os homens devem cultivar para conquistar os bens da Fortuna: Honra e Glória (e Riqueza). Se a Fortuna é a deusa do acaso, os homens de Virtú são os mais preparados para fazerem o acaso lhe favorecer, para conquistar o seu próprio destino e para manter o bom estado das coisas (conservação)

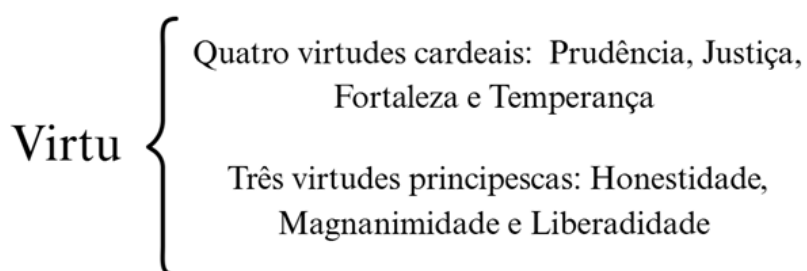
A Revolução Maquiavélica

O conselho de Maquiavel aos novos príncipes é apresentado em duas partes:

- As principais fundações de todos os estados são boas leis e bons exércitos
- Cultivar as qualidades corretas de comando

O primeiro ponto trata sobre as milícias locais, em como é importante não depender de exércitos mercenários e criar o seu próprio com os seus cidadãos, pois assim eles serão mais leais e lutarão com mais afinco. Porém o segundo é o mais importante ponto:

Maquiavel faz um elogio à virtude, diz que ele é necessário para dominar a Fortuna e que a posse da *Virtu* é a chave do sucesso para um príncipe. Na tradição Humanista, a virtude, possui muitas qualidades dentro de si, das quais podemos fazer a seguinte divisão:



Para os moralistas romanos e grande parte dos Humanistas, o verdadeiro Vir (Homem) se caracteriza por sua firme convicção de que para alcançar os fins da Honra e Glória é preciso se conduzir da maneira mais virtuosa possível. **Porém, Maquiavel nega essa proposição. Ou melhor, ele nega o que os Humanistas estão chamando de virtude e busca o seu próprio conceito de virtude.**

Para Maquiavel, o governante que deseja alcançar seus fins mais altos, Honra e Glória, verá que nem sempre o racional é moral; pelo contrário, descobrirá que qualquer tentativa sistemática de cultivar as virtudes principescas se demonstrará uma política calamitosamente

irracional e que irá ruir em pouco tempo. Seguir essas listas gigantes de qualidades não é o caminho para a Virtude. Então qual é ?

Maquiavel dirá que um príncipe sábio será guiado acima de tudo pelos ditames da necessidade e se deseja manter seu poder, **ele deve estar preparado para agir imoralmente quando for necessário**. A chave do sucesso de um governo consiste em reconhecer a força das circunstâncias, aceitar o que dita a necessidade e adaptar a sua conduta aos tempos. Ou seja, **a Virtude para Maquiavel é a Flexibilidade!** A capacidade de fazer o que for necessário para manter o governo, daí a célebre frase, que não foi escrita por Maquiavel, mas que é uma síntese do seu pensamento “ Os fins justificam os Meios”. Daí também outra fórmula de Maquiavel que dirá que o príncipe deve sempre buscar ser amado, mas se amado não for possível, então que ele seja temido, porém, que ele nunca permita ser odiado, pois o ódio ao governante leva, mais cedo ou mais tarde, a uma revolta. Portanto o diferencial do pensamento maquiavélico é essa nova formulação de Virtude.

DESCARTES (1596 - 1650 E.C)



René Descartes, nascido no ano de 1596, na França, e falecido em 1650 na fria Suécia, é um dos grandes nomes da filosofia do período Moderno. Se os seus conhecimentos de história estão em dia verá que o período de Descartes não foi outro senão o de muitas transformações em toda a Europa: Reforma Portestante (1517/1521), Contrarreforma (Século XVI), Revolução Científica (século XVI - XVIII), Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e inúmeros conflitos regionais perpassam o longo século que viveu nosso filósofo. Ele vive boa parte de sua vida na Holanda, que até meados do século XVII permanece como um ambiente de relativa tolerância, e lá escreve e ganha fama como um dos novos escritores em defesa das novas ciências (Gali-

leu, Copérnico, Giordano Bruno) e suas descobertas: Heliocentrismo, o sol está no centro e não a Terra; **Astronomia; Lei da Gravitação Universal** de Newton.

As perseguições a esses cientistas, o abismo entre essa nova ciência e antiga (a Escolástica Medieval), somada com a falta de uma metodologia que desse uma ordem a esses novos saberes e da sua conciliação com a Teologia, foram o incentivo de Descartes na produção de sua filosofia e matemática. **O plano Cartesiano**, uma das suas grandes contribuições para o ramo da matemática, nos dá um exemplo do que Descartes estava tentando elaborar: a orientação das ciências modernas. Portanto, sua filosofia é mostrar como nos colocarmos no caminho do verdadeiro método científico e do desenvolvimento do conhecimento. Veja, se a nova ciência surge refutando a antiga e tudo aquilo que achávamos correto, o que impede que com essa nova ciência também não aconteça a mesma coisa? Ora, para Descartes, a segurança do conhecimento que estava sendo elaborado só poderia ser assegurada com uma boa análise do nosso método e do que é possível conhecermos. Em outras palavras, Descartes está em busca de construir uma base segura para que o edifício da nova ciência possa ser erguido. E é isso que ele tentará fazer em seu texto *Meditações Metafísicas* e *Discurso sobre o Método*. Para bem entendermos o nosso autor, vamos olhar fragmentos dos dois textos, mas vamos nos concentrar nas *Meditações*.

O “Racionalismo” de Descartes

Descartes é atualmente posto dentro de uma caixa: **Racionalista**. Isto é, a posição filosófica que assume que o conhecimento verdadeiro só pode ser adquirido pela razão. A outra caixa, que de certa maneira podemos dizer que está em confronto com a primeira é o **Empirismo**. Isto é, a posição filosófica que assume que todo conhecimento é adquirido pela experiência e isto inclui a experiência sensorial (dos sentidos) e não só de uma razão pura. Entretanto, Descartes nunca se denominou de racionalista, essas duas caixas foram criadas no século XIX quando estudiosos da filosofia moderna acharam que esses termos sintetizavam bem a disputa filosófica que ocorreu do século XVII até o XIX. Porém, nós podemos sim continuar utilizando esses termos sem perda de precisão, como uma maneira de facilitar nosso entendimento da questão e veremos isso no tópico sobre o **Argumento do Cogito**.

Regras do Método Científico

A sua contribuição para a formulação de um método científico correto são quatro regras que têm por princípio a preocupação que Descartes tinha com as Certezas. O modelo antigo de ciência, responsável, por exemplo, por dizer que a Terra estava no centro do nosso sistema, era sustentado por certezas como essa, ou seja, conhecimentos que por termos aceitado facilmente, sem uma comprovação mais concreta, acabaram se perpetuando e foram muito difíceis

de serem questionadas, causando, como foi o caso de Galileu, em perseguições a quem questionava essa “verdades”. Descartes, preocupado e temendo que a nova ciência possa cair no mesmo caminho, elabora essas regras que todo homem das ciências deveria seguir:

- **Regra da Evidência:** “Não tomar jamais coisa alguma por verdadeira a não ser que a conhecesse evidentemente como tal” - Isto é, não devemos jamais tomar como verdadeiro algo que poderíamos ter dúvidas. Se podemos duvidar, então aquilo não é evidentemente verdadeiro.
- **Regra da Análise:** “Dividir cada dificuldade que examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e necessárias para melhor resolvê-las.” - Ou seja, para entender um assunto, divida-o em quantas partes forem necessárias para facilitar o seu entendimento.
- **Regra da Síntese:** “Conduzir meus pensamentos de forma ordenada, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais complexos”
- **Regra da Verificação:** “Fazer sempre levantamentos tão completos e inspeções tão gerais que tivesse a certeza de nada omitir” - Aqui descartes te dá uma boa dica para os estudos: faça resumos!

Se agora temos os paços que descartes julga necessários para produzir conhecimento, então vamos vê-lo aplicando essas paços até chegar na sua ideia mais central: o argumento do cogito - “Penso, logo existo”

A dúvida de Descartes e o Argumento do Cogito

Descartes começa as Meditações Metafísicas com o seguinte parágrafo:

“Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundamentei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão muito duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências.”

Nesse fragmento vemos a decepção de Descartes com a educação que ele recebeu até então. Ele foi educado na Escolástica, a ciência Aristotélica desenvolvida na idade média, tomada no seio da igreja. Porém, no meio desse cenário de surgimento das novas ciências, Descartes vê o quão errôneos são os conhecimentos produzidos pela Escolástica medieval. Assim tem início a sua nova empreitada filosófica de buscar as bases de um conhecimento verdadeiro e seguro.

Para tal, Descartes utilizará a filosofia Cética como uma escada para atingir seu objetivo. Se você está bem lembrado, o Ceticismo é uma das correntes filosóficas do Helenismo, e se baseava na dúvida e na nossa incapacidade de alcançar uma certeza absoluta sobre algo, tudo poderia ser duvidado e questionado. Descartes irá utilizar desse mesmo método cético: a **dúvida**. Todavia, Descartes não é um Cético. Ele crê que é possível adquirirmos um conhecimento verdadeiro e absoluto, porém ele se propõe a **duvidar de tudo para ver o que sobra, o que eu resiste à dúvida. O alvo de Descartes é encontrar uma certeza imune à dúvida, uma base inquestionável, e fazer o “edifício” da nova ciência ser construído a partir desta base.**

O caminho da dúvida seguirá três etapas ascendentes: a dúvida dos sentidos, a dúvida dos sonhos e a dúvida de Deus. Na primeira etapa podemos lembrar de Platão, pois Descartes pensa de maneira bem semelhante: não devemos confiar nos nossos sentidos, pois eles nos enganam e, então, não podem ser fontes confiáveis de conhecimento. Mas em alguns casos não parece que eles nos enganem, por exemplo, que você esteja lendo ou ouvindo essa apostila.

No entanto, avançando para a próxima dúvida, podemos dizer que em um sonho também temos sensações e que elas parecem tão reais quanto as de quando estamos acordados. Logo, como saber se estou sonhando ou acordado? Quem poderá garantir que o que se sentiu foi de fato algo real ou fruto do nosso adormecer? Aqui vemos uma dúvida clássica também e talvez até mais próxima da nossa realidade. Parece ser um tipo de questão boba para se estar dentro de um texto de filosofia, mas o que vale para Descartes é o exercício mental que vem desse exemplo. Bom, essa segunda etapa de dúvida encontra a sua resposta no fato de que mesmo sonhando, por mais abstrato que o sonho seja, ele ainda segue padrões de conhecimento real; por exemplo, ninguém consegue sonhar com um quadrado que não tenha quatro lados, ou que $2+2$ não sejam 4. Daí chegamos na última etapa de dúvida, na dúvida radical, em um exercício mental digno de nota. Observe:

Descartes pensa: e se existe um ser todo poderoso que não é o Deus bondoso, mas, na verdade, é um **Gênio Maligno**, que me criou e me engana com supostas verdades? Quem poderá saber se $2+2=4$ não é um brinquedo dele, uma ilusão. Quem poderá saber se faz sentido falar de céu, de terra, ou de qualquer outra aparente certeza nesse mundo se esse Gênio Maligno não faz tudo isso para me engambelar? Descartes diz **“Pensarei que o céu, o ar, a terra, as**

cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos são apenas ilusões e enganos de que ele se serve para surpreender minha credulidade.”

E como Descartes sairá desta situação ? que resposta ele encontra ? Ele encontra a primeira certeza dentro de si, na interioridade. **Se a existência do Deus enganador nos leva a colocar tudo em dúvida, já que não podemos ter certeza de nada, então tudo que nos resta é precisamente duvidar:** Mesmo que esse Deus enganador me tire todas as bases de conhecimento, eu ainda estou aqui, ainda penso, ainda estou aqui duvidando de tudo. Portanto, podemos concluir que se estou aqui duvidando, então eu existo ! **Penso, logo existo. A primeira certeza é a de que existe um ser pensante**, e a percepção da minha existência vem através da minha **razão pensante**, por isso chamados Descartes de Racionalista, pois a raiz do conhecimento está nessa dimensão interior do ser humano que é a capacidade racional.

Cogito é o verbo em Latim para “pensar”.O argumento se chama Argumento do Cogito, pois Descartes formula essa frase “ Cogito Ergo Sum” , que traduzimos por “ Penso, logo existo” ou em tradução mais aproximada “Penso, logo sou”.

Duvide! Eis a mais simples e sofisticada forma de filosofia.

HUME (1711- 1776 E.C)



No século XVII, surge na Inglaterra uma nova corrente filosófica chamada Empirismo. Seu nome deriva da palavra grega Empeiria, que é o termo que designa o saber adquirido pela experiência sensível. **O empirismo defende que tudo que existe na nossa mente, ou que podemos pensar, deriva de alguma experiência sensível**, ou seja, a partir dos nossos sentidos absorvemos informações para o nosso intelecto e com essas informações criamos pensamentos. Por exemplo, temos a ideia de um Minotauro em nossa mente, um empirista diria que esta ideia foi criada a partir da experiência sensível que tivemos com touros e com seres humanos e, posteriormente, unindo esses conceitos com a nossa razão.

Outra forma de explicar o empirismo é dizer que eles não acreditam na existência de idéias inatas, ou seja, pensamentos e conceitos que carregamos antes mesmo de nascer. Isto quer dizer que todos os pensamentos e conceitos que dispomos derivam de experiências que tivemos em vida, ao vivenciar o mundo sensível. Por esses motivos, a máxima dos empiristas será: **“Nada está no intelecto que não tenha passado antes pelos sentidos”**.

Um dos fundadores do empirismo foi o filósofo britânico John Locke. Ele ficou famoso ao afirmar que o ser humano nasce como uma folha em branco, pronta para ser preenchida pelas experiências sensíveis. Apesar da importância de Locke, falaremos aqui de um filósofo empirista um pouco posterior, David Hume, que levou o empirismo a caminhos interessantes misturando-o com a filosofia cética.

Hume nasceu no ano de 1711, em Edimburgo, capital escocesa. Estuda filosofia na França e trabalha como tutor, bibliotecário e diplomata até sua morte em 1776. Hume será de grande influência para Kant, que atribui a Hume seu “despertar do sono dogmático”, evidenciando seu profundo respeito ao filósofo escocês. A principal obra a ser exposta aqui é o Tratado sobre a natureza humana, livro em que Hume ataca as noções de causalidade e identidade. Ambas muito fundamentais para toda a história do pensamento.

Para Hume, nossas concepções do mundo são arbitrárias e nós só as reproduzimos por força do hábito e do costume. O que ele está dizendo é que existem alguns pressupostos intelectuais que utilizamos a todo o momento, mas que na verdade não há nada no mundo real que confirme sua veracidade inquestionável. Como disse anteriormente, estes conceitos são o Princípio de Causalidade (causa e efeito) e a Identidade Pessoal (o Eu). Começaremos, então, com sua crítica à causalidade.

A causalidade é, nada mais nada menos, do que a noção de que todo o efeito tem uma causa e toda a causa, um efeito. Por exemplo, ao ouvirmos um barulho iremos pensar, quase instantaneamente, que algo produziu este barulho. O que fizemos nesse exemplo é, justamente, procurar uma causa para determinado efeito, pois, afinal, todo o efeito tem uma causa. Para Hume não é bem assim. Nós só buscamos uma causa, porque, por costume ou hábito, pensamos que uma causa necessariamente tem um efeito, e vice e versa. Hume afirma

que vemos acontecimentos ocorrendo sucessivamente, porém não vemos a relação de causa e efeito em si. O que existe é uma “conjunção constante entre fenômenos” e, por ser constante, nos habituou a acreditar que a Causalidade indubitável. No final das contas, Hume está dizendo que nada nos garante a causalidade, pois nada na realidade nos afirma com certeza seu funcionamento, que não passa de interpretações humanas da realidade baseadas na repetição de determinados fenômenos observáveis.

A próxima crítica que Hume faz é voltada para a noção de identidade pessoal ou do Eu. Para iniciar seu ataque, Hume dirá que o Eu só existe quando algo no mundo o afeta. O que ele quer dizer é que só existimos enquanto estamos sendo perpassados pelos sentidos. No mundo, nunca deixamos de sentir cheiros, temperaturas, toques, sons ou sentimentos, logo o Eu só existe em conjunção com os objetos que interagimos, nunca estaremos isolados dessas impressões que criamos de tudo que temos contato a partir de nossos sentidos. O problema desta concepção é que as impressões que absorvemos do mundo variam, um dia estamos sentindo calor, em outro, frio; um dia ouvimos uma sirene, em outro, uma buzina. Tudo varia de acordo com o que se apresenta para nós durante nosso dia. Hume conclui que: se o Eu só existe ao ser perpassado por estas impressões adquiridas pelos sentidos e estas impressões variam, logo, o Eu varia também. Para Hume, o Eu, por ser variável, não existiria e o que existiria no lugar seria uma espécie de **“feixe variável de percepções”** que muda a depender das impressões que estão nos perpassando. Como sua crítica à Causalidade, ele dirá que acreditamos na continuidade e invariabilidade do Eu somente por causa da nossa memória e do hábito.

Com sua análise, Hume não pretende, necessariamente, mudar a forma com que lidamos com o mundo, mas sim, dotado de um forte espírito cético, lembrar-nos que todo conceito está sujeito à dúvida e ao erro. Suas críticas reverberarão por muito tempo nos meios acadêmicos, reavivando disputas filosóficas. Somente com a filosofia de Kant que diversos problemas apontados por Hume chegaram a alguma forma de conclusão.

KANT (1724 -1804 E.C)



(Retrato de Immanuel Kant (1724-1804), pintado em 1768 por J. W. Beker (1744-1782) por encomenda do livreiro de Kant em Königsberg)

Immanuel Kant é uma árvore da cidade de Königsberg. Nascido em 1724, no antigo Reino da Prússia, de lá suas raízes nunca se moveram, mesmo após sua morte em 1804. Ele foi figura central dos grandes debates do século XVIII sobre a Metafísica, Ética e Estética, ou seja, sobre todos os campos majoritários da filosofia, um dos mais renomados filósofos da língua alemã e possuidor de uma vasta fortuna editorial e crítica. Não foram poucos os chamados kantianos e pós-kantianos, isto é, seguidores da filosofia de Kant, e de críticos a ele e aos seus conceitos. Kant só será igualado (os críticos dirão superado) por um “compatriota” linguístico de Stuttgart (na atual Alemanha e antigo Sacro Império Romano-Germânico), o também muito famoso Georg Wilhelm Friedrich Hegel.

Inúmeros seriam os caminhos que poderíamos tomar nesta apostila para falar de Kant. Por bem (ou por mal) o Enem e demais vestibulares parecem esquecer ou crer que a filosofia kantiana sobre a Metafísica seria demasiada complicada para alunos em estágio de Ensino Médio. Assim, o único tópico que abordaremos sobre Kant será a sua Ética. Três são as obras sobre ética: *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (1785), *Crítica da Razão Prática* (1788) e *Metafísica dos Costumes* (1797). Kant é autor de um modelo ético fortemente **racionalista e universal**. Ao contrário das éticas heterônomas, àquelas cujo princípio moral é um agente externo, como Deus, a ética de Kant se baseia na razão humana, focada no **Dever**, nas ações que tomo por si mesmas e não por outras causas secundárias, isto é, uma ética **Deontológica**. Por exemplo, eu deveria ajudar uma pessoa pois é correto ajudar e não porque espero que ao aju-

dar eu receba algo em troca. Dessa maneira o que Kant propõe é que uma conduta ética seria uma ação determinada pelo que a nossa razão dita ser correto. Para Kant, como todo humano tem a faculdade da razão, todos podem verificar os mesmos princípios racionais.

Imperativo Categórico

Uma vez que a nossa vontade não está sempre em acordo com a razão, e que a vontade pode ser influenciada por fatores sociais e emocionais, é preciso então, para agirmos corretamente, de uma **Lei Moral**, de um mandamento da razão, um tão forte e tão claro que sempre poderíamos recorrer a ele como princípio a ser seguido. O que Kant busca é estabelecer um princípio moral universal, que todos podem observar e que não depende de um contexto social em específico. Daí ele elabora o **Imperativo Categórico**. “Imperativo” seria uma ordem, um comando; “Categórico” significa algo inquestionável, definitivo, mas Kant também define que categórico seria toda ação que é boa em si mesma. O imperativo Categórico é:

Imperativo Categórico

“Age apenas segundo aquela máxima que possas querer que a tua ação se torne uma lei universal.”

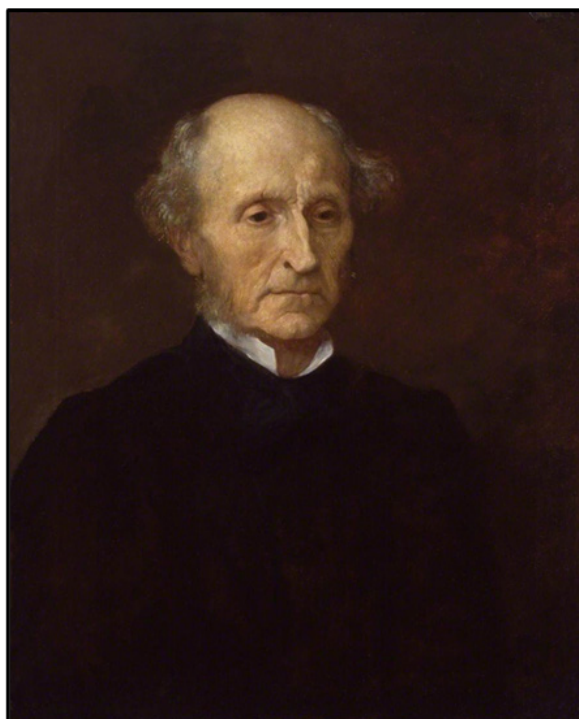
Ou seja, somente devemos realizar algo se, ao utilizarmos da nossa faculdade da razão, podemos verificar que esta mesma ação poderia ser uma lei universal. Uma outra formulação do Imperativo Categórico, mas que segue o mesmo princípio é:

“Age de tal maneira que use humanidade tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim nunca simplesmente como meio”

Isto é, nunca devemos usar outra pessoa como um meio para atingirmos os nossos objetivos. É um princípio da dignidade humana.

O ponto para Kant é evidenciar que a razão nos diz aquilo que **devemos** fazer e a vontade que segue o que deve ser feito é uma boa vontade. Isso não significa, para Kant, que estamos presos à razão, mas que ela nos orienta a uma boa vida baseada não em interesses secundários, mas a razão compreende o que é o dever e o ser humano pode escolher agir de acordo com esse dever ou não. Todavia, a ação moral será sempre a ação pelo dever.

STUART MILL E O UTILITARISMO



O utilitarismo é uma escola de filosofia inglesa criada pelo jurista Jeremy Bentham e desenvolvida posteriormente por John Stuart Mill. Sua principal área de estudo é a ética. Há pequenas diferenças entre o utilitarismo de Bentham e de Mill, porém só nos é importante entender o utilitarismo em suas linhas mais gerais.

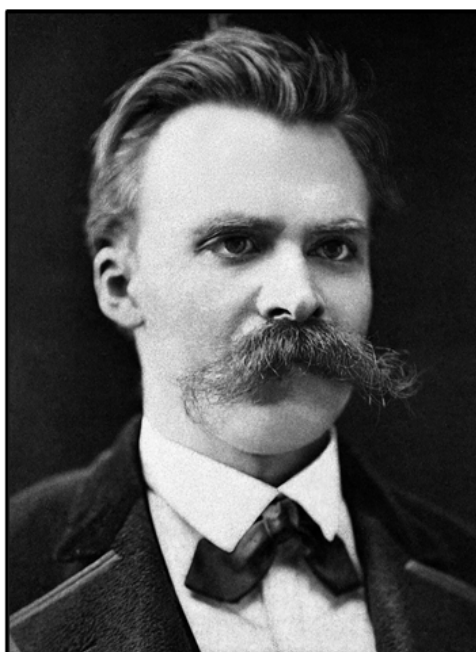
Bentham acreditava que o utilitarismo seria um bom instrumento para se criar leis e fazer reformas políticas. Isto se deve ao **caráter pragmático da ética utilitarista, no qual o motivo para se tomar determinada decisão é irrelevante e o resultado é o que deve ser o foco para o julgamento se uma ação é ética ou não**. E como se julga esse resultado? A máxima utilitarista diz: **“Agir sempre de forma a produzir a maior quantidade de bem-estar”**. Ou seja, deve-se fazer um cálculo moral para tomar uma decisão com base na quantidade de felicidade gerada por uma decisão. **Para um utilitarista, a quantidade de felicidade gerada é proporcional à quantidade de pessoas beneficiadas pela decisão**. Resumindo, deve-se pensar qual decisão terá o maior “saldo” de felicidade gerada, isto é, o maior número de pessoas beneficiadas e o menor nível de sofrimento gerado.

Um clássico problema ético que se pode analisar pela ótica utilitarista é o **problema do bondinho**. Temos um trilho que se reparte em dois mais adiante, o caminho que o bonde irá seguir atropelará 6 pessoas amarradas nos trilhos, enquanto o outro caminho tem somente 1 pessoa amarrada. Você tem a capacidade de desviar o trilho para que o bonde atropelasse somente a pessoa sozinha, assim salvando as outras 6. O que um utilitarista faria nessa situação? A

resposta é que ele mudaria o trajeto do bonde para que só uma pessoa morresse, pois a felicidade dos 6 sobreviventes daria um saldo positivo de felicidade ao ser descontada a infelicidade do que foi atropelado sozinho.

Esta forma de pensar ética, de forma quase matemática, leva a diversos problemas, porém o utilitarismo continuará a ser muito influente na política e na forma que empresas gerem suas campanhas de marketing.

NIETZSCHE (1844 -1900 E.C)



Friedrich Nietzsche, nascido em 1844 na Prússia e falecido em 1900, é um tipo filosófico dos que poderíamos chamar de críticos. A crítica é a marca e a centralidade de sua filosofia. Porém, o diferencial em Nietzsche é que a sua crítica é direcionada à toda tradição filosófica até o seu ponto. Suas obras são polêmicas, agressivas e em certa medida cômicas, ele faz profundos ataques contra maneira que a filosofia seguiu desde a Grécia antiga e está em defesa do que considera uma **“filosofia afirmativa da vida”**. O cristianismo também será duramente criticado em seus textos (o mais famoso texto deste tema se chama *O Anticristo*) ao que chama de “moral de rebanho”, pois a moral cristã também seria um fator de decadência do humano ao construir o conceito de pecado e dizer que devemos nos abster dessa vida em prol da eternidade no paraíso celeste.

Veja, a análise de Nietzsche é que a sociedade europeia enfraqueceu e está dominada por ideias que retiram a potência do ser humano: a razão, a lógica, a racionalidade argumentativa que foram cultivadas na filosofia nos fez perder a proximidade com a natureza e suas forças vitais; o cristianismo nos suprimiu com sua ideia de que o mundo terreno é imperfeito e que

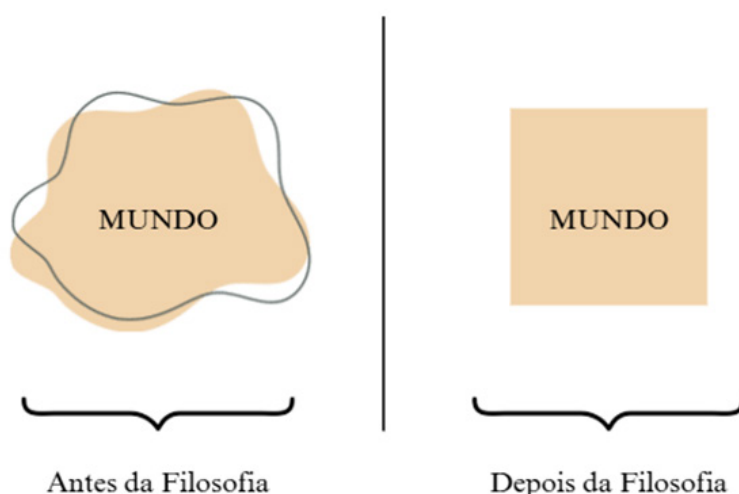
deveríamos controlar nossos impulsos carnaís, nossas potências de vida. A tradição filosófica e o cristianismo são os alvos e inimigos jurados do mais famoso bigode da história da filosofia.

Comecemos a nossa análise com a crítica à filosofia, depois ao cristianismo e sobre o Niilismo em Nietzsche. Antes de tudo, porém, leia abaixo um fragmento do prefácio de *O Anti-cristo* para você perceber o tom do nosso filósofo prussiano:

“Pois bem ! Somente esses são meus leitores, meus verdadeiros leitores, meus leitores predestinados: que importa o resto ? - O resto é somente a humanidade. - É preciso ser superior à humanidade pela força, pela altura de alma - pelo desprezo...”

O início da filosofia

Muito curiosa é a visão de Nietzsche sobre a maneira que a filosofia surgiu na Grécia antiga. Veja o esquema mental abaixo:



A filosofia é esse movimento de racionalidade, de sobriedade e questionamento metódico que fez a nossa percepção do mundo ser moldada de maneira fria e única. Sócrates na sua necessidade de buscar, de forma racional, a causa primeira das coisas existentes representaria essa figura que reduz o mundo que é vasto e diverso a um único padrão. Os Sofistas, pelo contrário, abraçam o convencionalismo, a multiplicidade de formas e não se preocupam em determinar qual é a absolutamente verdadeira. Nietzsche faz uma comparação com os deuses gregos Apólo e Dionísio. Apólo é o Deus da ordem, da justa medida, da racionalidade; Dionísio é o Deus das artes, da embriaguez, do vinho, da alegria e do excesso, o deus itinerante que não mora no Olimpo, mas na natureza. Antes da filosofia, esses dois espíritos estavam em equilíbrio, contudo, com a tradição filosófica, houve a ascensão das características de apolíneas. Por

isso, Nietzsche dirá que **a história da tradição filosófica é a história da ascensão do espírito apolíneo em detrimento do dionisíaco.**

O cristianismo e Niilismo

Olhemos para o segundo aforisma de O Anticristo:

“O que é bom ? - Tudo aquilo que eleva no homem o sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder.

O que é mau ? - Tudo aquilo que provém da fraqueza.

O que é a felicidade ? - O sentimento de força que cresce - que uma resistência foi superada.

[...]

O que é mais nocivo que um vício qualquer ? - A compaixão em ato para todos os fracassados e fracos - o cristianismo...”

Neste aforisma há um resumo do problema moral que Nietzsche vê no cristianismo. **Nietzsche está em busca de uma filosofia que afirme a vida, que a glorifique, que a dignifique, que ponha no aqui e agora a máxima intensidade que existe dentro do ser humano.** O cristianismo é justamente o oposto, a condenação da vida terrena e da sua lógica de poder em detrimento de uma realidade superior. **Nietzsche é defensor de uma aristocracia espiritual, isto é, “viver a vida como uma obra de arte”, ser grandioso, abraçar as pulsões ao invés de condená-las.** O cristianismo é a moral do rebanho, pois o rebanho é o animal domado, controlado, preso. A filosofia que Nietzsche elabora é uma emancipadora dessas amarras morais.

Um exemplo da crítica a essa moral de rebanho é a Humildade Cristã. Veja, aprendemos que a humildade é uma virtude, que ser arrogante sobre suas capacidade é algo vergonhoso e reprovável. Nietzsche discorda profundamente, dirá que a humildade nada mais é que uma ferramenta de hipócritas para parecer virtuoso, mas, na realidade, é a maneira que pessoas fracas (de espírito) tem para diminuir a conquista de pessoas fortes. Que o cristianismo fundamenta-se em humildade pois foi a maneira que encontraram de reduzir e humilhar que é forte neste mundo da vida. **A verdade (filosofia) e a moral (cristianismo) são instrumentos que os fracos inventaram para controlar os fortes.** A cultura ocidental seria fraca devido ao predomínio das forças reativas que a construíram. E o que seriam essas forças reativas ?

Para Nietzsche, somos influenciados por duas forças:

- **Forças Ativas:** Potência individual, única, singular e irrepitível. Exemplo: Um artista pintando sua obra prima.

● **Forças Reativas:** Ação em reação à força ativa, não existe por si só, não produz potência. Exemplo: Um artista pintando a mesma paisagem diversas vezes para poder revender.

O cristianismo e sua moral são a vitória das forças reativas sobre as forças ativas, assim como na filosofia em que o apolíneo ofuscou o dionisíaco. A pergunta é: Como os fracos dominaram os fortes ? Ora, porque a fraqueza permite aliança, porque as forças reativas permitem associação, mas as forças ativas não, elas são isoladas na pulsão de cada indivíduo. O que para nós, acostumados com a moral cristã, pode ser um choque é a visão de sociedade ideal a partir de Nietzsche: Uma ampla disputa entre fortes indivíduos. Atente-se que Nietzsche não está aqui necessariamente falando de um conflito belicoso, de extermínio ou de qualquer outra coisa do gênero, não é força militar e nem força monetária, mas força no sentido de de grandeza, de ambição, de dignidade pessoal, de buscar ser um espírito elevado que não se dobra perante as regras sociais, **o super-homem**.

Quanto ao **Nilismo**: Nilismo vem do Latim Nihil, Nada. Uma filosofia surgida com contornos ainda em aberto no final do século XVIII. Porém, será em meados do século XIX que a expressão ganhará uso corrente. **O nilismo é a posição filosófica de negação de todos os valores e de todas as verdades absolutas. É negação de qualquer finalidade maior no universo e de qualquer sentido inerente às coisas.** Com o Iluminismo, e a não mais centralidade da religião, os valores que com ela eram vistos como universais desabaram. Deus não mais era o centro. E o que ficou neste centro ? Depende para quem você pergunta. Muitas foram as expressões do Nilismo, há muitos sentidos para a afirmação da não existência de uma verdade absoluta. Uns serão levados ao pessimismo, outros se aprofundaram nesse estado de vazio e tentaram erguer novas montanhas, como a ciência.

Em Nietzsche, encontramos tanto uma crítica quanto uma afirmação do Nilismo. Nietzsche critica a posição nilista pessimista, que no fim perde todas as suas bases e que nos leva a um estado de inação e de profundo desencanto com a vida. **Este seria o nilismo passivo.** No entanto, haveria uma parte muito positiva na concepção nilista: O abandono de todas essas normas sociais e morais decadentes. Se não há mais uma base, isso significa que o único valor real é o que nós criamos para nós mesmos, o que nos levaria a uma posição de agentes da nossa própria vida, de pessoas livres que não foram corrompidas ou diminuídas pelo moralismo dos valores tradicionais. **Este seria o nilismo ativo**, o estado de transvaloração dos valores, criando novos que aceitam e reafirmam a pulsão da vida, da sua capacidade criativa, dos desejos de força e poder, do potência e do desejo por mais potência, isto é, da **Vontade de Potência**.

EXERCÍCIOS DE FILOSOFIA MODERNA

Questão 1 (19-2010.1)

O príncipe, portanto, não deve se incomodar com a reputação de cruel, se seu propósito é manter o povo unido e leal. De fato, com uns poucos exemplos duros poderá ser mais clemente do que outros que, por muita piedade, permitem os distúrbios que levem ao assassinio e ao roubo.

(MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. SP: Martin Claret, 09)

No século XVI, Maquiavel escreveu *O Príncipe*, reflexões sobre a monarquia e a função governante. A manutenção da ordem social, segundo esse autor, baseava-se na:

- A) inércia do julgamento de crimes polêmicos.
- B) bondade em relação ao comportamento dos mercenários.
- C) compaixão quanto à condenação de transgressões religiosas.
- D) neutralidade diante da condenação dos servos.
- E) conveniência entre o poder tirânico e a moral do príncipe.

Questão 2(71-2012)

Não ignoro a opinião antiga e muito difundida de que o que acontece no mundo é decidido por Deus e pelo acaso. Essa opinião é muito aceita em nossos dias, devido às grandes transformações ocorridas, e que ocorrem diariamente, as quais escapam à conjectura humana. Não obstante, para não ignorar inteiramente o nosso livre-arbítrio, creio que se pode aceitar que a sorte decida metade dos nossos atos, mas [o livre-arbítrio] nos permite o controle sobre a outra metade.

(MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. Brasília: EdUnB, 1979 - adaptado)

Em *O Príncipe*, Maquiavel refletiu sobre o exercício do poder em seu tempo. No trecho citado, o autor demonstra o vínculo entre o seu pensamento político e o humanismo renascentista ao:

- A) valorizar a interferência divina nos acontecimentos definidores do seu tempo.
- B) rejeitar a intervenção do acaso nos processos políticos.
- C) afirmar a confiança na razão autônoma como fundamento da ação humana.
- D) romper com a tradição que valorizava o passado como fonte de aprendizagem.
- E) redefinir a ação política com base na unidade entre fé e razão.

Questão 3 (277- 2017.1)

Uma pessoa vê-se forçada pela necessidade de pedir dinheiro emprestado. Sabe muito bem que não poderá pagar, mas vê também que não lhe emprestarão nada se não prometer firmemente pagar em prazo determinado. Sente a tentação de fazer a promessa, mas tem ainda consciência bastante para perguntar a si mesma: não é proibido e contrário ao dever livrar-se de apuros desta maneira? Admitindo que se decida a fazê-lo, a sua máxima de ação seria: quando julgo estar em apuros de dinheiro, vou pedi-lo emprestado e prometo pagá-lo. embora saiba que tal nunca sucederá.

(Kant, Fundamentação da metafísica dos costumes. São Paulo: Abril Cultural, 1980)

De acordo com a moral kantiana, a “falsa promessa de pagamento” representada no texto:

- A) assegura que a ação seja aceita por todos a partir da livre discussão participativa.
- B) garante que os efeitos das ações não destruam a possibilidade da vida futura na terra.
- C) Opõe-se ao princípio de que toda ação do homem possa valer como norma universal
- D) materializa-se no entendimento de que os fins da ação humana podem justificar os meios.
- E) permite que a ação individual produza a mais ampla felicidade para as pessoas envolvidas.

Questão 4 (293- 2017.2)

O povo que exerce o poder não é sempre o mesmo povo sobre quem o poder é exercido, e o falado self-government [autogoverno] não é o governo de cada qual por si mesmo, mas o de cada qual por todo o resto. Ademais, a vontade do povo significa praticamente a vontade da mais numerosa e ativa parte do povo — a maioria, ou aqueles que logram êxito em se fazerem aceitar como a maioria.

(MILL, J. S. Sobre a liberdade. Petrópolis: Vozes, 1991 - adaptado)

No que tange à participação popular no governo, a origem da preocupação enunciada no texto encontra-se na:

- A) conquista do sufrágio universal.
- B) criação do regime parlamentarista.
- C) institucionalização do voto feminino.
- D) decadência das monarquias hereditárias.
- E) consolidação da democracia representativa.

Questão 5 (183- 2015.1)

A filosofia grega parece começar com uma ideia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de todas as coisas. Será mesmo necessário determo-nos nela e levá-la a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque o faz sem imagem e fabulação; e enfim, em terceiro lugar, porque nela, embora apenas em estado de crisálida, está contido o pensamento: Tudo é um.
(NIETZSCHE, F. *Crítica moderna*. In: *Os pré- socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999)

O que, de acordo com Nietzsche, caracteriza o surgimento da filosofia dos gregos?

- A) O impulso para transformar, mediante justificativas, os elementos sensíveis em verdades racionais.
- B) O desejo de explicar, usando metáforas, a origem dos seres e das coisas.
- C) A necessidade de buscar, de forma racional, a causa primeira das coisas existentes.
- D) A ambição de expor, de maneira metódica, as diferenças entre as coisas.
- E) A tentativa de justificar, a partir de elementos empíricos, o que existe no real.

Questão 6 (22- 2019)

TEXTO 1

Considero apropriado deter-me algum tempo na contemplação deste Deus todo perfeito, ponderar totalmente à vontade seus maravilhosos atributos, considerar, admirar e adorar a incomparável beleza dessa imensa luz.

(DESCARTES, R. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.)

TEXTO 2

Qual será a forma mais razoável de entender como é o mundo? Existirá alguma boa razão para acreditar que o mundo foi criado por uma divindade todo-poderosa? Não podemos dizer que a crença em Deus é “apenas” uma questão de fé.

(RACHELS, J. *Problemas da filosofia*. Lisboa: Gradiva, 2009.)

Os textos abordam um questionamento da construção da modernidade que defende um modelo:

- A) centrado na razão humana.
- B) O baseado na explicação mitológica.

- C) fundamentado na ordenação imanentista.
- D) Focado na legitimação contratualista.
- E) Configurado na percepção etnocêntrica.

Questão 7 (ENEM - 2021)

A filosofia é como uma árvore, cujas raízes são a metafísica; o tronco, a física, e os ramos que saem do tronco são todas as outras ciências, que se reduzem a três principais: a medicina, a mecânica e a moral, entendendo por moral a mais elevada e a mais perfeita porque pressupõe um saber integral das outras ciências, e é o último grau de sabedoria.

(DESCARTES, R. Princípios da filosofia. Lisboa: Edições 70, 1997 (adaptado)).

Essa construção alegórica de Descartes, acerca da condição epistemológica da filosofia, tem como objetivo:

- A) sustentar a unidade essencial do conhecimento.
- B) refutar o elemento fundamental das crenças.
- C) impulsionar o pensamento especulativo.
- D) recepcionar o método experimental.
- E) incentivar a suspensão dos juízos.

GABARITO

1- E 5-A

2-C 6-A

3-C 7-A

4-E

CAPÍTULO IV:

**FILOSOFIA
CONTEMPORÂNEA**

CAPÍTULO IV: FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

ESCOLA DE FRANKFURT



A Escola de Frankfurt é uma corrente de pensadores, com origem na Universidade de Frankfurt, em 1924, na Alemanha, atrelado ao Instituto de Pesquisas Sociais da universidade. O grupo de intelectuais, sociólogos, filósofos, em sua maioria de origem judaica, procuravam desenvolver a teoria crítica da sociedade e do conhecimento, retomando e adaptando as teorias de Marx e Hegel aos problemas do século XX. Com a ascensão do Regime Nazista na Alemanha, o grupo se refugiou na Inglaterra e posteriormente nos Estados Unidos, só retornando à Alemanha após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Mas o que seria uma **Teoria Crítica**? Bom, desde Marx há uma atenção e um movimento de lançar luz naquilo que permeia a sociedade: **as relações de poder e dominação**. Ou seja, se em uma teoria tradicional eu estou preocupado em descrever as estruturas sociais, na teoria crítica eu estou olhando para como essa estrutura é mantida, isto é, eu faço uma reflexão crítica sobre a cultura, sobre a ideologia e sobre como, historicamente, as relações de poder foram moldadas. Neste movimento, eu consigo enxergar que não são as ideias que condicionam os acontecimentos do mundo material, mas o mundo material que condiciona a maneira que as ideias são produzidas. Assim, **as ideias dominantes de um tempo, são as ideias das classes dominantes daquele tempo**. Portanto, ao analisar uma sociedade em um determinado período, é preciso prestar atenção em como as relações de poder são moldadas para que se possa entender o que verdadeiramente está por trás da cultura daquele período.

A busca destes pensadores é em construir uma razão crítica e emancipatória, que possa enxergar as estruturas reais da sociedade para não repeti-lá. “A filosofia que pretende se

acomodar em si mesma, repousando numa verdade qualquer, nada tem a ver, por conseguinte, com a teoria crítica”. Diz Max Horkheimer em *Filosofia e Teoria Crítica*.

Os principais nomes da primeira geração da escola de frankfurt são: **Max Horkheimer (1895-1973)**, **Theodor Adorno(1903–1969)**, **Herbert Marcuse(1898-1979)**, **Walter Benjamin(1892–1940)**, entre outros, como Erich Fromm, Leo Löwenthal, Franz Borkenau, Friedrich Pollock, Otto Kirchheimer, Siegfried Kracauer e Franz Neumann. Para este capítulo focaremos nestes quatro primeiros.

Dialética do Esclarecimento

Adorno e Horkheimer, enquanto estão exilados nos Estados Unidos, escreveram o texto mais famoso deste período da Escola de Frankfurt, o livro *Dialética do Esclarecimento* (1944). Como falamos, os pensadores de Frankfurt estão empenhados em desenvolver uma teoria crítica da atual sociedade, isto é, da sociedade capitalista do século XX. Contudo, como toda teoria crítica, é preciso olhar a história e os processos de formação do que vemos atualmente. Desta forma, o livro é dividido em duas partes: o **Esclarecimento** e a **Indústria Cultural**. O tema geral do livro é como a atual sociedade cultivou nos últimos séculos uma **Racionalidade Técnica e Instrumental**, desenvolvida ao longo da modernidade em eventos como a Revolução Industrial e que agora, no século XX, se derrama sobre os espaços de conhecimento e cultura em serviço da ordem capitalista. Parece confuso ? Se sim, vamos ao conceito de Esclarecimento e prometemos que algumas coisas vão ficar mais caras com os exemplos.

Esclarecimento

Veja, o Iluminismo deu bons frutos para o nosso processo de conhecimento com a emancipação e autonomia dos sujeitos conscientes de seus fins, porém, com isso, na visão de Adorno e Horkheimer, não tardamos em ver qual era o paradigma dessa sociedade:

O “Esclarecimento”

Bom... qual foi o motivo das aspas ? Segundo Adorno e Horkheimer, esse “Esclarecimento” não é o Pensamento Esclarecedor, ele é um fenômeno nocivo que foi amplificado pela modernidade ! **“O iluminismo, no sentido mais amplo do pensar que faz progressos, sempre teve por meta libertar os homens do medo e fazer deles senhores. Porém, a terra inteiramente iluminada brilha sob a luz de uma triunfante desventura”.**

Adorno e Horkheimer identificam um outro lado desse privilégio da razão que surge no Ilumi-

nismo: a do surgimento de uma razão que não é crítica, questionadora e emancipatória; mas, de uma razão técnica que perde a sua reflexão teórica e se transforma em um instrumento que existe para **dominar a natureza e transformá-la em mercadoria**. É a completa subordinação do conhecimento aos interesses de uma classe dominante e da sua mentalidade de lucro. Ao invés de produzirmos, através do conhecimento, um mundo mais justo, esse mesmo conhecimento agora na lógica do “esclarecimento” foi o que aumentou a desigualdade social.

O “esclarecimento” seria esse processo de extrema racionalização do mundo que afetou todas as ciências e ao invés de potencializar a nossa compreensão só nos tornou mais ignorantes. O “esclarecimento” é essa forma de pensar que homogeneizou as formas de ciência e de discurso para o paradigma da dominação. **A ciência existe e evoluiu para poder controlar e assimilar cada vez mais a natureza. Quanto mais dominarmos a natureza, quanto mais eficiente for a máquina que nós estamos construindo, melhor será.**

Pergunte-se: Por que Engenharia é muito mais valorizado do que Filosofia? Por que as Ciências Humanas recebem tão pouco financiamento?

Primeiramente, pois a lógica que reina na atual sociedade capitalista é essa da razão instrumental, do conhecimento como uma produção, ou seja, como uma mercadoria. A matemática, a física, a química e a engenharia são ciências que foram modeladas para servir à lógica capitalista, para servir na indústria de um mundo pós Revolução Industrial. Uma vez que o produto da atividade das ciências humanas não é tão facilmente transformado em mercadoria (na maioria das vezes o resultado do nosso trabalho é exatamente isso aqui que você está lendo: um texto), então eles não são tão valorizados como conhecimento.

Em segundo, e aí podemos ver a falta da parte crítica, o “esclarecimento” é esse processo de produzir uma visão única dos fatos, uma dominação do conhecimento é também uma dominação das pessoas. A Engenharia não oferece perigos aos que são beneficiados (burguesia) por este sistema (capitalismo) desigual pois ela, sendo inteiramente tomada pelo “esclarecimento”, não é capaz de um raciocínio crítico, já a Filosofia e as humanidades, por questionarem o estado atual das coisas, são temidas e controladas ao máximo, de modo que as próprias ciências humanas foram modificadas pelo “esclarecimento”.

Ou seja, se o pensamento sai desse padrão estabelecido pelas “ciências oficiais”; se ele faz uma crítica ao modo e ao conteúdo dessas “ciências oficiais”, o pensamento será, com toda certeza, diminuído, taxado de ridículo, de absurdo, de pseudociência, de um produção de conhecimento menor. E isso gera um grande problema, pois, ao restringir as idéias de sucesso e inteligência à razão técnica e instrumental, criamos uma sociedade de analfabetos sociais que estão inclinados a toda espécie de charlatanice, superstição e palavras de ordem:

Ex: “Cotas nivelam por baixo” ; “A terra é plana” ; “ Na época da ditadura é que era bom”

Com isso, vemos que as ciências tem seu modo de agir profundamente atravessado, pois quem define quais ideias são dominantes é quem domina as relações materiais, a burguesia:

“(...) em compensação, no colapso atual da civilização burguesa, o que se torna problemático é não apenas a atividade, mas o sentido da ciência.”
(Adorno e Horkheimer, 1947, p.5)

Agora, entendendo um pouco melhor a linha de pensamento da Escola de Frankfurt, podemos avançar no tema e perceber como essa ideia de dominação presente no “esclarecimento” se amplia para os meios culturais.

- **Indústria Cultural:** A indústria cultural é o modo em que o capitalismo se apropriou e modificou a produção cultural para torná-la um instrumento de ideologia, controle, alienação e favorecimento do próprio capitalismo.

Como a Indústria Cultural age e transforma os objetos culturais :

- **Mercantilização:** Tornar obras em mercadorias, com maior ou menor valor. Ou seja, a arte passa a ser mensurada pelo dinheiro.

- **Apelo Social:** Ter obras de arte e estar por dentro das novidades dos meios culturais são formas de direcionarem o desejo das pessoas para que elas estejam sempre consumindo. (Ex: Saber quais são os novos lançamentos do cinema)

- **Simplificação:** As produções são simples de entender, não possuem uma profundidade, não tem camadas de interpretação, não tem significados pessoais e distintos.

- **Massificação/Padronização:** As produções culturais tendem a seguir um mesmo padrão, na tentativa de abranger a maior quantidade de pessoas, visando ter mais lucro. Ex: Filmes de Super-Herói.

A soma da Mercantilização, Apelo social , Simplificação e Massificação produzem uma cultura inautêntica, que existe para alimentar a estrutura capitalista e servir de propaganda do ideal de vida consumista. Essa cultura age em serviço de uma elite que controla os meios de

produção dessa cultura e lucram com toda a cadeia de produção. Ao domesticar as massas através da cultura, a burguesia garante um controle até mais efetivo do que o medo e a repressão. Contudo, uma importante distinção precisa ser feita:

Cultura de Massas ≠ Cultura Popular

A cultura de massa é uma construção da indústria, com um propósito mercantil que padroniza as pessoas. Porém, a cultura popular é essa que brota nos meios urbanos, é a cultura autêntica de um povo, da sua região e dos seus dizeres; é o seu samba, a sua literatura de cordel, a sua culinária e suas atrações locais.

O povo tem uma voz, uma voz que não é padronizável, uma cultura que tem o seu valor para além do mercado.

EXISTENCIALISMO

KIERKEGAARD (1813 - 1855 E.C.)



O existencialismo é uma corrente filosófica que trata de questões próprias da existência humana, como a culpa, o amor, o medo e, principalmente, a angústia. No início do séc XIX, o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, considerado o primeiro existencialista, começa a tratar das questões mencionadas acima através de uma óptica profundamente católica. Tanto que esta primeira vertente é chamada de existencialismo cristão.

Uma marca do pensamento existencialista no decorrer da história é o foco no **sentimento**

de angústia. Para Kierkegaard a angústia, quase constante na vida humana, tem duas causas. A primeira sendo a realização de que **a vida é finita** e a segunda sendo o que ele chama de “Silêncio de Deus”. Isto é a noção de que **Deus não dá respostas aos seres humanos** e só saberemos se estamos destinados ao paraíso ou ao inferno no momento de nossa morte. Kierkegaard vê esses dois fatos como os grandes produtores de angústia.

Kierkegaard morreu em 1855 com apenas 42 anos de idade, mas não antes de fundar toda uma nova escola de pensamento filosófico e escrever diversas obras de grande importância. As mais importantes sendo: Ou isto/ou aquilo; Temor e tremor e **O Conceito de Angústia**. Dois proeminentes cineastas escandinavos são amplamente influenciados pelas ideias de Kierkegaard, estes são Ingmar Bergman e Carl Theodor Dreyer.

JEAN PAUL SARTRE (1905 E.C. - 1980 E.C.)



Apesar da relevância filosófica e cultural de Kierkegaard, o filósofo que, de fato, popularizará o existencialismo no século XX é o francês Jean Paul Sartre. Sartre substituirá o catolicismo de Kierkegaard pelo marxismo, assim analisando a angústia humana através de uma nova ótica. Para ele **a angústia não advém de nossa relação com Deus e sim da completa inexistência dele**. Sartre afirma que por Deus não existir para definir o que é certo e errado, cabe a nós mesmos definir.

Desta forma **somos como legisladores em todas as ações que fazemos, pois ao decidir por determinado rumo, estamos dizendo para o mundo o que é o certo**. Como os seres humanos se espelham em outros seres humanos em sua tomada de decisão, ao decidirmos tomar um rumo ao invés de outro, estamos definindo para toda a humanidade o que é o certo e aceitável de se fazer em determinadas situações. Este peso de ser um legislador do que é certo e do que é errado é, para Sartre, a fonte da angústia que assola a humanidade.

A partir desta linha de pensamento, Sartre escreveu sua famosa frase: **“O homem está condenado a ser livre”**. O que ele quer dizer com isso? Vamos analisar cada parte desta afirmação. O homem é condenado, simplesmente, pelo fato de não ter se criado, a existência é compulsória para os seres humanos, por isso é uma condenação. A liberdade, na qual o homem foi condenado, se refere, justamente, ao que foi dito no parágrafo acima. Como temos liberdade de ação, temos que aceitar a total responsabilidade pela forma com que agimos. Sendo assim, a condenação à liberdade é uma condenação a sentir a angústia que cada decisão que somos obrigados a tomar carrega com si.

Outra citação famosa de Sartre é: “o homem é o ser cuja existência precede a essência”. Isto se refere a uma ideia muito importante para esta vertente do existencialismo. Nós somos seres que nascem sem determinação e no decorrer de nossa vida, a partir das decisões que tomamos, construímos nossa própria essência. Ou seja, se fizermos coisas ruins, nos tornaremos pessoas ruins, se fizermos coisas boas, nos tornaremos pessoas boas. Sartre, ao pensar desta forma, coloca grande poder nas ações, pois, agora, estas são o que, unicamente, definem a nossa essência.

MICHEL FOUCAULT (1926 -1984E.C)



Michel Foucault é um intrigante filósofo e psicólogo francês. No que mais podemos dizer nesta apostila, você verá que Foucault é autor de conceitos muito interdisciplinares, que extrapolam a filosofia e vão em uma grande coreografia entre psicologia, antropologia, história das ideias, análise documental e trabalho de campo. O momento histórico deste pensador também nos revela as muitas forças em disputa que Foucault observou ao analisar a sociedade do século XX: Guerra do Vietnã em seu pior momento, morte de Martin Luther King, Primavera de

Praga e os protestos estudantis de maio de 1968, no qual Foucault estava. As suas análises buscaram relações até então inexploradas, por exemplo, entre saberes como a medicina, a psiquiatria, práticas sociais como o encarceramento, e concepções de subjetividade e natureza humana que são trabalhadas na filosofia. Logo, diante desta vastidão de conceitos e área de estudo, vamos compor o nosso quadro mental Foucaultiano com três tópicos: **Moral, Discurso e Poder e Instituições**. Conceitos como *Arqueologia*, *Genealogia* e *Biopolítica* estarão dentro desses tópicos. Vamos lá!

Moral

Para Foucault, a moral é o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e aos valores que lhe são propostos. Assim, moral tem dois aspectos:

- **Código:** o código seria a norma, o mandamento, o comando, a lei. Por exemplo: Ser fiel
- **Subjetivação:** A maneira como nós agirmos e nos transformamos em referência ao código. Por exemplo: dependendo das pessoas, existem coisas que podem ser consideradas infidelidade e outras não.

“Seja um código de prescrições sexuais que determina para os dois cônjuges uma fidelidade conjugal estrita e simétrica, assim como a permanência de uma vontade procriadora; mesmo nesse quadro tão rigoroso, haverá várias maneiras de praticar essa austeridade, várias maneiras de “ser fiel”.”

Além disso, as diferenças na subjetivação dizem respeito a vários pontos:

- **Substância Ética:** O que é o código para mim.
- **Modo de Sujeição:** Como eu me relaciono com o código.
- **Elaboração de si:** Como eu pratico o código.
- **Finalidade Moral:** A finalidade na execução desses código dentro de uma sociedade.

Todo esse estudo sobre a moral está no livro *O uso dos prazeres*, o segundo volume da *História da Sexualidade*, no qual Foucault está analisando a história da sexualidade desde a Grécia Antiga, passando pelo helenismo e pelo surgimento do cristianismo, até o período moderno. Para isso, ele se vale da **Genealogia**: A análise histórica da formação de determinados discursos e práticas, relacionando-os com formas de exercício do poder em um contexto social

e cultural específico. Por poder, não estamos somente nos referindo ao estado ou a uma instituição, mas também às relações pessoais, ao que Foucault chama de **Microfísica do Poder**, isto é, como as nossas relações pessoais também são moldadas por relações de poder.

Discurso

Se os discursos compõem uma relação de poder, é porque nela há uma relação de poder própria:

“Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” ¹

Ou seja, os discursos passam por processos de interdição e de interferência. A política, o sexo e a religião são frequentemente discursos marcados por processos de interdição. Estas interações são realizadas através do poder e lembre que poder não significa somente das instituições e do estado, mas das relações pessoais: você provavelmente se abstém de comentar algum desses tópicos no seu ambiente de trabalho, ou com seus amigos ou com sua família. Vejamos os três processos de interdição do discurso:

- **Tabu do Objeto:** Quando não podemos falar do assunto. É uma ocultação do objeto do discurso. Exemplo: Não fale de política no churrasco da família
- **Ritual das Circunstâncias:** Quando uma ocasião delimita quem tem poder de fala mediante gestos e comportamentos. Exemplo: Só podemos comparecer ao Júri de um tribunal usando roupas sociais.
- **Direito Privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala:** Aqui não poderia ser mais clara especialmente depois dos usos recorrentes do termo “Lugar de Fala”. Aqui Foucault chama atenção para o que seria o mal uso do lugar de fala, como um impeditivo para alguém falar sobre o assunto.

A análise do discurso é parte da **Arqueologia** de Foucault: o método de análise do discurso de um determinado saber ou ciência que consiste em uma tentativa de tornar evidente as

¹ FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 10. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. Tradução Lara Fraga de Almeida Sampaio.

implicações do conjunto de práticas que uma área do conhecimento estabelece. Por exemplo, o conceito de loucura na psicologia. Foucault se dedicará a pensar como que surge o conceito de loucura e quais foram as consequências desse discurso em nossa realidade.

Poder e Instituições

Foucault é inovador ao trazer o corpo para o jogo de poder no qual costumamos só olhar a mente. Pensamos que, por exemplo, um regime autoritário controla o pensamento das pessoas, que tipo de ideias elas conseguem produzir. Contudo, este regime também exerce poder sobre o corpo das pessoas, a sua atividade, a sua prática de si. E não somente os governos autoritários fazem isso, todos os governos neste nosso regime neoliberal o fazem. Portanto, para pensar essas relações entre corpo e poder, Foucault cunhou esse termo “Biopolítica”, isto é, a política que age sobre os corpos. E como ela age ?

- **Disciplinas:** Técnicas para a docilização dos corpos. A disciplinarização do corpo viria através de controle de atividades, gestão de tempo, rotinas, cronogramas e Vigilância: “Sorria, você está sendo filmado!”. Todos estes processos existem para perpetuar corpos economicamente úteis e politicamente dóceis. Ou seja, escravos modernos do capitalismo.

E quem perpetua essa disciplinarização? As instituições: Escolas, Prisões, Hospitais, Manicômios, Quartéis Militares, Faculdade e toda a gama de espaços públicos.

HANNAH ARENDT (1906 - 1975 E.C)



Hannah Arendt, pensadora, jornalista e cientista política alemã, de origem judaica, foi autora de importantes contribuições para a análise política e social do século XX. Sua história encontra semelhanças com os autores da Escola de Frankfurt, como parte do corpo de intelectuais alemães de origem judaica que tiveram que se refugiar nos Estados Unidos quando o Regime Nazista chegou ao poder.

Sua obra é interdisciplinar e poderia ser estudada sob a ótica da Filosofia, das Ciências Sociais, das Relações Internacionais e, em certo limite, do Direito. A tópica central, que atravessa a própria biografia da autora, é a sua descrição e formulação do que seriam Regimes Totalitários e das características do Totalitarismo. A experiência do Nazismo e do Holocausto foram muito marcantes e evidenciaram para a autora quais eram as ferramentas que esses regimes se utilizavam para chegar e se manter no poder. Logo, o trabalho de Arendt contempla desde a análise do comportamento humano e da política, até a investigação dos fenômenos políticos de seu século.

Ação, Discurso e Política

Um dos textos mais famosos de Arendt é a *Condição Humana*, de 1958, no qual ela faz um exame do que considera serem as manifestações da condição humana e da Vida Ativa, olhando desde a Grécia até a contemporaneidade. Quando a autora diz condição humana, ao contrário do que poderíamos pensar, não é a natureza humana, mas as condições de vida que encontramos e que estamos submetidos tanto pela própria natureza quanto pela atividade de outros seres humanos.

Para Arendt, temos três manifestações da Vida Ativa, isto é, “a vida na medida em que se empenha a fazer algo”²:

- **Labor:** Atividade para sustentar a vida, para se manter vivo, diz respeito às nossas necessidades vitais.
- **Trabalho:** Atividade de transformação da natureza, criação de objetos artificiais, os objetos de uso.
- **Ação:** Atividade de interação humana, a nossa sociabilidade a partir da pluralidade de sujeitos. Para esta atividade, dependemos do Discurso e do Coletivo, ou seja, da Política. Política em Arendt é o aparecimento de indivíduos públicos

2 ARENDT, H. *A condição Humana*. p.31.

Totalitarismo

Compreendendo o que é política para Arendt, vamos ao nosso segundo conceito, o tema mais famoso e polêmico da nossa autora: o conceito de Totalitarismo. Veja, Totalitarismo é o governo no qual o estado age de forma total, em todos os campos sociais, desde as ações políticas, econômicas, policiais até o campo do trabalho e da vida privada. Neste momento você pode se perguntar “isso não seria uma ditadura ?” Porém, Arendt vê que um regime totalitário é mais do que uma ditadura, pois um **fanatismo** sustentado por dois elementos:

- **Terror**
- **Propaganda**

Através do terror o regime totalitário busca acabar com a resistência, perseguindo a oposição e gerando um estado de incerteza na população. A propaganda agiria então para conduzir o estado emocional, para implantar palavras de ordem e regras dentro da vida privada. Uma das marcas mais importantes de regimes totalitários seria o líder carismático e onipotente que tem o seu poder construído e amplificado por estes dois fatores. Para Arendt, o Nazismo é um exemplo de Totalitarismo, assim como o Stalinismo da União Soviética, e é aqui que Arendt recebe duras críticas de outros sociólogos, historiadores, filósofos e demais intelectuais, por colocar esses dois regimes em uma espécie de mesma categoria.

Passemos ao último conceito, mas que está em direta relação com o totalitarismo.

Banalidade do Mal

Em 1961, Arendt acompanhou, enquanto jornalista, o julgamento de Adolf Eichmann, um Tenente-Coronel do regime nazista que conseguiu fugir após a Segunda Guerra e foi capturado em 1960. O julgamento ocorreu em Jerusalém e fazia parte não só de um processo criminal, mas também para extrair informações sobre o paradeiro de outros colaboradores nazistas. Durante o tribunal que dura longos meses, Arendt tem um choque ao ver que esse homem não é um monstro, como pensaríamos de qualquer nazista, mas um **burocrata**. Como assim? Eichmann havia praticado incontáveis atrocidades, mas argumentava que estava apenas cumprindo ordens.

Arendt percebe que na estrutura do regime nazista havia sim aqueles de um mal radical, que acreditavam em suas ações e as perpetraram com gosto pessoal, mas havia também uma grande parcela **neutra e indiferente** aos horrores do nazismo, uma grande parcela que se omitiu e normalizou a crueldade. Eichmann fazia parte, inclusive, do plano de extermínio total da população judaica dos territórios alemães, mas mantinha a mesma argumentação: estava

cumprindo ordens. E, de fato, podemos compreender o porquê Eichmann pensava assim. Ele não era o soldado que disparava contra prisioneiros e nem um torturador, ele era o homem que estava acima destes, provavelmente em um escritório, alheio ao horror. É claro que Eichmann não era inocente e sabia exatamente o que estava fazendo, mas o que Arendt busca enfatizar é que para este homem as vidas judaicas não eram vidas, mas números, estatísticas, metas de morte a serem batidas. Ele e muitos outros dava ordens que condenavam a vida de milhões, mas ele mesmos estavam imunes do peso das atrocidades suas.

Esse caso permite a Arendt ver os efeitos de um regime totalitário na mentalidade de uma pessoa, ao transformá-la em funcionário da burocracia do estado, pronto para obedecer qualquer ordem sem questionamento, não importando a gravidade da ação tomada. O regime dos campos de concentração foram como máquinas de morte automatizadas. Ou seja, o próprio ato de matar se torna uma burocracia, uma papelada a ser assinada. Assim, nossa autora conclui que a burocratização destes regimes totalitários gera uma **Banalidade do Mal**, o mal executado é banalizado, isto é, se torna comum e corriqueiro ao ser reduzido a meros processos burocráticos.

EXERCÍCIOS DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Questão 1 (20- 2010.1)

A lei não nasce da natureza, junto das fontes frequentadas pelos primeiros pastores; a lei nasce das batalhas reais, das vitórias, dos massacres, das conquistas que têm sua data e seus heróis de horror: a lei nasce das cidades incendiadas, das terras devastadas; ela nasce com os famosos inocentes que agonizam no dia que está amanhecendo.

(FOUCAULT, M. Aula de 14 de janeiro de 76. In: *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 99)

O filósofo Michel Foucault séc.(XX) inova ao pensar a política e a lei em relação ao poder e à organização social. Com base na reflexão de Foucault, a finalidade das leis na organização das sociedades modernas é:

- A) combater ações violentas na guerra entre as nações.
- B) coagir e servir para refrear a agressividade humana.
- C) criar limites entre a guerra e a paz praticadas entre os indivíduos de uma mesma nação.
- D) estabelecer princípios éticos que regulamentam as ações bélicas entre países inimigos.
- E) organizar as relações de poder na sociedade entre os Estados.

Questão 2 (51- 2011.2)

Subjaz na propaganda tanto política quanto comercial a ideia de que as massas podem ser conquistadas, dominadas e conduzidas, e, por isso, toda e qualquer propaganda tem um traço de coerção. Nesse sentido, a filósofa Hanna Arendt diz que “não apenas a propaganda política, mas toda a moderna publicidade de massa contém um elemento de coerção”.

À luz do texto, qual a implicação da publicidade de massa para a democracia contemporânea?

- A) A transparência política das ações do Estado.
- B) O fortalecimento da sociedade civil.
- C) O combate às práticas de distorção de informações.
- D) A dissociação entre os domínios retóricos e a política.
- E) O declínio do debate político na esfera pública.

Questão 3 (323 - 2018.2)

A maioria das necessidades comuns de descansar, distrair-se, comportar-se, amar e odiar o que os outros amam e odeiam pertence a essa categoria de falsas necessidades. Tais necessidades têm um conteúdo e uma função determinada por forças externas, sobre as quais o indivíduo não tem controle algum.

(MARCUSE, H. A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar, 1979)

Segundo Marcuse, um dos pesquisadores da chamada Escola de Frankfurt, tais forças externas são resultantes de:

- A) aspirações de cunho espiritual.
- B) propósitos solidários de classes.
- C) exposição cibernética crescente.
- D) interesses de ordem socioeconômica.
- E) hegemonia do discurso médico-científico.

Questão 4 (214- 2016.1)

Ser ou não ser – eis a questão.

Morrer – dormir – Dormir! Talvez sonhar.

Aí está o obstáculo!

*Os sonhos que hão de vir no sono da morte
Quando tivermos escapado ao tumulto vital
Nos obrigam a hesitar: e é essa a reflexão
Que dá à desventura uma vida tão longa.
(SHAKESPEARE, W. Hamlet. Porto Alegre: L&PM, 2007)*

Este solilóquio pode ser considerado um precursor do existencialismo ao enfatizar a tensão entre:

- A) consciência de si e angústia humana.
- B) inevitabilidade do destino e incerteza moral.
- C) tragicidade da personagem e ordem do mundo.
- D) racionalidade argumentativa e loucura iminente.
- E) dependência paterna e impossibilidade de ação.

Questão 5 (ENEM - 2022)

Sempre que a relevância do discurso entra em jogo, a questão torna-se política por definição, pois é o discurso que faz do homem um ser político. E tudo que os homens fazem, sabem ou experimentam só tem sentido na medida em que pode ser discutido. Haverá, talvez, verdades que ficam além da linguagem e que podem ser de grande relevância para o homem no singular, isto é, para o homem que, seja o que for, não é um ser político. Mas homens no plural, isto é, os homens que vivem e se movem e agem neste mundo, só podem experimentar o significado das coisas por poderem falar e ser inteligíveis entre si e consigo mesmos.

ARENDT, H. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

No trecho, a filósofa Hannah Arendt mostra a importância da linguagem no processo de

- A) entendimento da cultura.
- B) aumento da criatividade.
- C) percepção da individualidade.
- D) melhoria da técnica.
- E) construção da sociabilidade.

Questão 6 (ENEM - 2022)

O leproso é visto dentro de uma prática de rejeição, ao exílio-cerca; deixa-se que se perca lá dentro como numa massa que não têm muita importância diferenciar; os pestilentos são consi-

derados num policiamento tático meticuloso onde as diferenciações individuais são os efeitos limitantes de um poder que se multiplica, se articula e se subdivide. O grande fechamento por um lado; o bom treinamento por outro. A lepra e a sua divisão; a peste e seus recortes. Uma é marcada; a outra, analisada e repartida. O exílio do leproso e a prisão da peste não trazem consigo o mesmo sonho político.

(FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.)

Os modelos autoritários descritos no texto apontam para um sistema de controle que se baseia no(a):

- A) formação de sociedade disciplinar.
- B) flexibilização do regramento social.
- C) banimento da autoridade repressora.
- D) condenação da degradação humana.
- E) hierarquização da burocracia estatal.

Questão 7 (ENEM - 2023)

A economia das ilegalidades se reestruturou com o desenvolvimento da sociedade capitalista. A ilegalidade dos bens foi separada da ilegalidade dos direitos. Divisão que corresponde a uma oposição de classes, pois, de um lado, a ilegalidade mais acessível às classes populares será a dos bens — transferência violenta das propriedades; de outro, à burguesia, então, se reservará a ilegalidade dos direitos: a possibilidade de desviar seus próprios regulamentos e suas próprias leis; e essa grande redistribuição das ilegalidades se traduzirá até por uma especialização dos circuitos judiciais; para as ilegalidades de bens — para o roubo — os tribunais ordinários e os castigos; para as ilegalidades de direitos — fraudes, evasões fiscais, operações comerciais irregulares — jurisdições especiais com transações, acomodações, multas atenuadas etc.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

O texto apresenta uma relação de cálculo político-econômico que caracteriza o poder punitivo por meio da:

- A) gestão das ilicitudes pelo sistema judicial.
- B) aplicação das sanções pelo modelo equânime.
- C) supressão dos crimes pela penalização severa.
- D) regulamentação dos privilégios pela justiça social.
- E) repartição de vantagens pela hierarquização cultural.

Questão 8 (321 -2018.2)

*Uma criança com deficiência mental deve ser mantida em casa ou mandada a uma instituição?
Um parente mais velho que costuma causar problemas deve ser cuidado ou podemos pedir que vá embora? Um casamento infeliz deve ser prolongado pelo bem das crianças?*

(MURDOCH, I. A soberania do bem. São Paulo: Unesp, 2013)

Os questionamentos apresentados no texto possuem uma relevância filosófica à medida que problematizam conflitos que estão nos domínios da:

- A) política e da esfera pública.
- B) teologia e dos valores religiosos.
- C) lógica e da validade dos raciocínios.
- D) ética e dos padrões de comportamento.
- E) epistemologia e dos limites do conhecimento.

Questão 9 (292- 2017.2)

A crítica é uma questão de distância certa. O olhar hoje mais essencial, o olho mercantil que penetra no coração das coisas, chama-se propaganda. Esta arrasa o espaço livre da contemplação e aproxima tanto as coisas, coloca-as tão debaixo do nariz quanto o automóvel que sai da tela de cinema e cresce, gigantesco, tremeluzindo em direção a nós. E, do mesmo modo que o cinema não oferece móveis e fachadas a uma observação crítica completa, mas dá apenas a sua espetacular, rígida e repentina proximidade, também a propaganda autêntica transporta as coisas para primeiro plano e tem um ritmo que corresponde ao de um bom filme.

(BENJAMIN, W. Rua de mão única: infância berlinen-se – 1900. Belo Horizonte: Autêntica, 2013)

O texto apresenta um entendimento do filósofo Walter Benjamin, segundo o qual a propaganda dificulta o procedimento de análise crítica em virtude do(a):

- A) caráter ilusório das imagens.
- B) evolução constante da tecnologia.
- C) aspecto efêmero dos acontecimentos.
- D) conteúdo objetivo das informações.
- E) natureza emancipadora das opiniões.

Questão 10 (300 -2018.1)

O filósofo reconhece-se pela posse inseparável do gosto da evidência e do sentido da ambiguidade. Quando se limita a suportar a ambiguidade, esta se chama equívoco. Sempre aconteceu que, mesmo aqueles que pretenderam construir uma filosofia absolutamente positiva, só conseguiram ser filósofos na medida em que, simultaneamente, se recusaram o direito de se instalar no saber absoluto. O que caracteriza o filósofo é o movimento que leva incessantemente do saber à ignorância, da ignorância ao saber, e um certo repouso neste movimento.

(MERLEAU-PONTY, M. Elogio da filosofia. Lisboa: Guimarães, 1998 - adaptado)

O texto apresenta um entendimento acerca dos elementos constitutivos da atividade do filósofo, que se caracteriza por

- A) reunir os antagonismos das opiniões ao método dialético.
- B) ajustar a clareza do conhecimento ao inatismo das ideias.
- C) associar a certeza do intelecto à imutabilidade da verdade.
- D) conciliar o rigor da investigação à inquietude do questionamento.
- E) compatibilizar as estruturas

GABARITO

1- E

2-E

3-D

4-A

5-E

6-A

7-A

8-D

9-A

10- D

ENCERRAMENTO

Agradeçemos imensamente a sua dedicação e paciência por chegar até aqui. Foram longas páginas de complexos e densos conceitos filosóficos que demandam calma e atenção. Na sociedade contemporânea, de um capitalismo acelerado, voraz e impiedoso, a nossa capacidade crítica foi reduzida e o espaço da filosofia, como foi visto no capítulo Escola de Frankfurt, foi dizimado, pois não é do interesse dos poderes ruinosos que nos governam o aprendizado do senso crítico e da razão emancipatória. Muitas serão as dificuldades que nossa disciplina enfrentará para se mostrar pertinente, mas contamos que este pequeno material possa ser nosso humilde pedaço de pão a esta causa.

Que a dúvida possa vos acompanhar!

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2000.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**, volume 1. São Paulo: Schwarcz, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia: ensino médio**, volume único. São Paulo: Ática, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 10. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. Tradução Lara Fraga de Almeida Sampaio.

HUISMAN, Denis. **Dicionário dos Filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia - dos pré-socráticos a Wittgenstein**, Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Filosofia - dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MARCONDES, Danilo. **Raízes da Dúvida: ceticismo e filosofia moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

Org. PRADEAU, Jean-François. **História da Filosofia**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011.

Realização:



Patrocínio:



Integração
Metropolitana



Projeto Gráfico:





Programa de
**Capacitação
e Integração
de Lideranças
Sociais**